

**Academia de Marinha**

**António Ferraz Sacchetti**

*in memoriam*

**Lisboa – 2016**





António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti  
Vice-almirante  
(1930-2009)



Em 24 de maio de 2016 decorreu na Academia de Marinha uma sessão solene de homenagem à memória do seu antigo Presidente António Emílio Ferraz Sacchetti, presidida pelo Chefe de Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional, Almirante Luís Fourneaux Macieira Fragoso.

Para além de Familiares do homenageado, encontravam-se na assistência numerosos académicos, camaradas, amigos e admiradores do Vice-almirante Ferraz Sacchetti.

Foram oradores o Presidente da Academia de Marinha, Almirante Francisco Vidal Abreu, o académico emérito Engenheiro Óscar Filgueiras Mota, chefe do curso “Comandante Ferreira do Amaral” da Escola Naval, ao qual pertencia o homenageado, o académico efectivo Vice-almirante João Pires Neves, que o teve como seu primeiro comandante e, a encerrar, o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.

Para além das comunicações apresentadas na sessão, incluem-se neste livro depoimentos do Professor Doutor Adriano Moreira, académico honorário, da Professora Doutora Maria Francisca Saraiva, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, dos Vice-almirantes António Rebelo Duarte e Victor Lopo Cajarabille, académicos efectivos, e do Contra-almirante Luiz Roque Martins, académico emérito.

Apresenta-se por fim um resumo biográfico e a lista das condecorações atribuídas ao Vice-almirante Ferraz Sacchetti, bem como a Bibliografia activa.



*Sessão de homenagem na Academia de Marinha*

## **Palavras do Presidente da Academia de Marinha**

Exmo. Senhor

Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional

Bem-vindo à Academia de Marinha. É para nós uma honra que seja o Comandante da Marinha a presidir a esta sessão, integrada nas comemorações do Dia da Marinha, em que iremos homenagear um ex-presidente desta Academia, mas também um homem exemplar, um marinheiro de eleição, referencial das virtudes militares, um competentíssimo professor universitário e um académico por todos respeitado, mas principalmente um cidadão com os mais nobres e elevados valores cívicos, pelos quais sempre pugnou.

Senhores ex-Presidentes e membros honorários desta Academia.

Senhores Presidentes, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Academia Portuguesa de História.

Senhores Almirantes, Senhores Académicos, e distintos convidados.

Nas breves palavras que irei proferir, não vos irei falar do cadete Ferraz Sacchetti, componente da sua vida que ficou a cargo do seu amigo e camarada de curso da Escola Naval, Engenheiro Construtor Naval Óscar Napoleão Filgueiras Mota.

Também não vos irei falar do homem, do militar, do professor universitário ou do académico. De tal matéria falará o VALM João Pires Neves, de quem o nosso homenageado foi o seu primeiro comandante embarcado e por quem este orador sempre nutriu enorme respeito e admiração.

Falarei apenas da sua passagem pela Academia de Marinha, de que foi um ilustre presidente. Mas permitam-me que antes disso agradeça à Senhora Prof.<sup>a</sup> Maria José Sacchetti a generosidade com que, em nome da família, doou à Academia de Marinha as condecorações de seu Pai, a par dos respetivos diplomas, colares académicos, álbuns com fotografias e recortes noticiosos, que espelham toda uma vida de dedicação à Marinha e à causa pública, mas que retratam também a disciplina, o rigor e o método que até ao fim sempre colocou em todos os seus atos.

Muito obrigado Senhora Professora. No final deste ato académico a vitrina onde ficarão expostas permanentemente as condecorações de seu Pai será descerrada pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.

Ainda em estreita ligação a esta comemoração, a Academia de Marinha irá publicar um *in memoriam* que incluirá os textos das comunicações hoje aqui proferidas e ainda os contributos dados para esta mesma finalidade pelo Professor Adriano Moreira, pela Professora Francisca Saraiva, e pelos almirantes Rebelo Duarte, Lopo Cajarabille e Roque Martins.

A todos a Academia de Marinha agradece estes contributos bem reveladores da estima e consideração que tinham pelo almirante hoje homenageado.

Será ainda editada oportunamente uma coletânea dos textos mais significativos produzidos pelo VALM Ferraz Sacchetti, seleção esta que ficou a cargo de um conjunto de académicos desta Academia a quem também agradeço. E não se julgue que foi obra fácil já que, e com a grande ajuda que nos foi deixada pelo próprio, foram identificados mais de uma dezena de livros e cadernos e cerca de 130 participações em livros e revistas, das quais 68 para a Revista da Armada.

Os seus textos aparecem numa diversidade de jornais e cadernos, revistas e boletins, anais e separatas. Os temas que aborda estão normalmente centrados na Segurança Europeia, Segurança e Defesa, Geopolítica, Relações Internacionais e, naturalmente, nas Forças Armadas e na sua Marinha. Para que se tenha uma pequena noção da abrangência dos seus escritos citarei apenas alguns dos temas tratados:

- Geopolítica e Geoestratégica do Atlântico;
- As relações transatlânticas na nova Era;
- O Mediterrâneo e a segurança europeia;
- A conjuntura internacional e os novos conflitos;
- O impacto do conceito de segurança humana;
- Relação Leste – Oeste;
- A condução de crises;
- Forças nucleares e dissuasão global;
- Reestruturação da NATO;
- Guerra e Paz;
- O Terceiro Mundo e o diálogo Norte-Sul;



- O Poder Marítimo;
- Os mares antárticos;
- Estratégia e relações de poder;
- Conceito de Fronteiras;
- A Índia e a Estratégia Global;
- Cooperação Técnico-Militar e a CPLP.

Sobre as Forças Armadas e a sua Marinha, temas como a Revolução nos Assuntos Militares, a Reestruturação das FA, a Instituição e as Associações, a Instituição e os Homens, Modelo e Organização e a Cultura na Marinha são um curto exemplo da expressão das suas ideias onde, para além dos seus temas mais habituais, também pontuavam os ligados à organização, comando e disciplina, moral e ética, e cidadania.

Em todas as circunstâncias, interna e externamente, sempre fomentou a cultura da maritimidade de Portugal e a imprescindibilidade da sua ligação prioritária ao mar como elemento essencial ao desenvolvimento do Estado e à sua afirmação na cena internacional. Dotado de uma invejável cultura histórica e naval e de muito sólida erudição nas áreas de estratégia e das relações internacionais, soube sempre apresentar os seus conhecimentos de forma equilibrada e bem estruturada, constituindo-se como uma referência nestas matérias.

O VALM Ferraz Sacchetti tomou posse como Presidente da Academia de Marinha em 07/JAN/2004 após eleição em Assembleia de Académicos para o triénio 2004/2006, tendo sido reeleito para o triénio seguinte. Faleceu em 15 de Janeiro de 2009, não tendo assim completado este seu segundo mandato.

Era sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, académico honorário da Academia Portuguesa da História, académico de número da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, onde ocupou o cargo de Secretário-Geral, Vice-Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Presidente do Instituto D. João de Castro e académico de mérito da Real Academia de la Mar, de Espanha.

Durante a sua presidência foram inúmeros os livros apresentados na Academia de Marinha o que é revelador do prestígio que à Academia era reconhecido, sendo também vários os que foram editados com a chancela desta casa.

Deu corpo a um protocolo de cooperação com o Instituto de Cultura Europeia e Atlântica (ICEA) cujas atividades se têm mantido ao longo dos anos através da realização de sessões conjuntas com base anual, alternadamente acolhidas por cada uma das instituições envolvidas.

Sempre que os temas tal proporcionavam, as sessões da Academia tinham presente como convidado, o embaixador ou o representante institucional do país, a que pertencia o orador, ajudando assim a dar passos firmes na internacionalização da Academia de Marinha.

Esta sua preocupação em dar a conhecer a Academia, não se limitava naturalmente ao estrangeiro. Era sua intenção realizar algumas das sessões regulares fora de Lisboa, em várias capitais de distrito onde fosse possível, porque desejável, a ligação às universidades. A sua condição de professor universitário dava-lhe uma sensibilidade acrescida para a importância dessa ação. Tal, infelizmente, não lhe foi possível concretizar por dificuldades várias.

Em contrapartida conseguiu um feito notável ao congregar as vontades de todas as academias nacionais e da Sociedade de Geografia de Lisboa para, em sessão conjunta realizada na Academia das Ciências de Lisboa, se realizar ao longo de vários dias a comemoração dos 250 anos do terramoto de Lisboa. Este facto, pelo seu cariz invulgar em termos nacionais, e só possível graças à sua veia diplomática, trato finíssimo e elevado prestígio que disfrutava no meio académico e universitário, mereceu uma referência especial por parte do Ministro da Ciência de então, Professor Mariano Gago, que presidiu.

Este espírito de cooperação entre académicos continuou a ser fomentado, sendo seu objetivo permanente a realização do maior número possível de sessões conjuntas, na Academia ou nas sedes de outras instituições, por forma a gerar afetos entre os diferentes parceiros e promover eventos que atraíssem público, muito público, independentemente das sessões semanais das Terças-feiras. Era também prioridade sua aproveitar todas as oportunidades no sentido de conseguir trazer à Academia os seus membros associados estrangeiros com o apoio das respetivas representações diplomáticas.

Mas nem sempre os tempos em que estava à frente da AM foram isentos de escolhos. Embora o VALM Sacchetti tivesse escrito várias vezes sobre temas de guerra e paz, era indubitavelmente um homem de

paz, recusando-se a alimentar pequenas lutas de desgaste. Mas os homens, sempre os homens, continuam a pensar-se eternos e a valorizar desmedidamente as suas causas, como tal sempre grandes causas, como se tivessem pela frente todo o tempo do mundo que fosse apagando as feridas deixadas por estas lutas de convicções, dialéticas apenas que sejam. Mais uma vez se provou com o seu prematuro falecimento, que não somos senhores nem do tempo nem da vida.

Nunca se lhe ouviu um desabafo ou recriminação, uma palavra de tristeza ou desagravo. O almirante Ferraz Sacchetti continuou a concentrar-se no cumprimento da sua missão, dignificando de forma ímpar a Academia e a instituição a que presidia. Foi um Homem notável. Foi sempre um grande Senhor.

*Francisco Vidal Abreu*



## O Nosso camarada Sacchetti

### 1 – A Escola Naval

Ele era o melhor ou, mais propriamente, o “mais bom” de todos nós.

Conhecemo-nos quando entrámos para a Escola Naval, no final da primeira metade do século passado e cedo nos apercebemos que ele era especial. Inteligente e estudioso, o que ainda mais o distinguiu foi, no entanto, a disponibilidade para ajudar, a ausência de maledicência, a honestidade no trabalho, a capacidade para não ouvir comentários acintosos. Talvez possamos dizer, a rara coerência entre as suas ideias – vincadamente religiosas – e as suas ações.

As nossas vivências divergiram, mas os laços criados na Escola – como camaradas de curso, de camarata, de sala de estudo –, estiveram sempre vivos ao longo da sua brilhante e exemplar carreira.

Natural de Aveiro (2 de Dezembro de 1930), entrou na Escola Naval em Setembro de 1949, depois de ter feito os preparatórios militares na Universidade de Coimbra.

O nosso foi um curso de charneira, como mais tarde nos chamou repetidamente a atenção.

- De charneira porque, pela primeira vez entraram alunos – embora apenas dois – que tinham feito os chamados Preparatórios Militares na Academia Militar. O obstáculo que estes Preparatórios nas universidades constituíam, pode ser aquilatado pelo que connosco sucedeu na Universidade do Porto. Recordo ainda (a memória tem destas idiossincrasias) que éramos trinta alunos no início do ano letivo, mas que terminámos as quatro cadeiras em Junho do ano seguinte apenas dois. A grande culpada da razão era a Física Geral, que era do 2º ano dos Preparatórios de Engenharia, mas que em Preparatórios Militares apanhávamos logo na entrada na universidade. A matemática para a compreender só a tínhamos adquirido por altura da Páscoa, daí pouco tempo nos ficar para preparar o exame de Física. Nos anos seguintes o número de alunos vindos da Academia Militar aumentou rapidamente.

*Sobre esta matéria permitam-me a transcrição de um juízo, com a habitual clareza, de outro camarada de curso, o VALM António Gonçalves Ramos:*

*“Nas circunstâncias da época a passagem pela universidade, embora por um período curto, teria alguma vantagem, se não mais por estimular um certo sentido de responsabilidade e independência, em contraste com a rigidez do sistema liceal, mas reduzia de forma drástica o número de potenciais candidatos, além de outras razões, pelo anormal atrito que habitualmente se verificava no primeiro ano de frequência da faculdade. Nesse sentido, pelo menos, a alteração do sistema terá sido vantajosa.” [1]*

- Voltando à justificação de curso charneira, o nosso foi o último a pagar todo um enorme enxoval requerido para entrar na Escola Naval (só de fardas brancas eram seis). O seu custo, muito dificilmente suportável por uma família da classe média, equivalia a seis meses do ordenado que viríamos a receber em 2º tenente. Logo no ano seguinte os requisitos foram reduzidos e vieram a ser cancelados dentro de alguns anos. E vem a propósito recordar que “os cadetes não auferiam então qualquer vencimento; apenas, quando embarcados, lhes era atribuído o subsídio que teria de suportar as despesas com a alimentação, de acordo com o regime geral em vigor na época” [1].  
Também fomos os últimos a usar (em serviço) a “farda de marujo”, que aliás pagámos como todas as outras.
- Finalmente de charneira, num sentido mais alargado, porque seis meses antes da nossa admissão na Escola Naval, Portugal assinou o Tratado do Atlântico Norte. Tal viria obrigar a marinha a dar um salto – entre outras coisas –, em termos de preparação de pessoal; mas só o viemos a sentir no final do período de guardas-marinhas. Vem a propósito referirmos o estado do ensino, socorrendo-nos de um comentário do Ferraz Sacchetti [2]:  
“Os programas da Escola Naval ainda continham disciplinas teóricas de interesse há muito ultrapassado ou então baseavam-se em ensinamentos colhidos na Primeira Guerra Mundial”.

Ou, nos termos do Gonçalves Ramos [1]:

“O ensino de matérias de natureza técnica ou operacional era, com alguma exceções, notoriamente deficiente, mesmo tidos em conta os meios navais de que se dispunha. Alguns destes, recentemente modernizados, tinham já instalados meios e equipamento que não eram sequer abordados, quer nos seus aspetos técnicos, quer no seu emprego operacional.”

Mas voltando ao nosso homenageado, podemos dizer que o percurso na Escola Naval decorreu sem acidentes de maior. Suportou a praxe pacientemente, cumpridor, disciplinado, nunca “deu o salto” nem para ir ao cinema na Cova da Piedade; isto apesar de ser um cinéfilo arreigado (chegava a ver três filmes nos fins de semana em Lisboa).

E tão amigo de ajudar, que deu para ficar atrás do camarada que mais diretamente auxiliava.

A parte desportiva também merece menção: sem relevo nos mais populares jogos de bola, foi no entanto campeão individual de esgrima e membro da elitista equipa de remo em yole de 4.

Relevante ainda é ter recebido, com todo o mérito – embora com alguma tranquila rivalidade do futuro VALM Carlos Machado e Moura –, o prémio de “Aprumo Militar”: um sextante Plath, bem mais aperfeiçoado do que os habitualmente distribuídos pela direção de hidrografia<sup>1</sup>.

Quanto ao carácter, são de referir, reforçando o que atrás dissemos, três qualidades marcantes: a aversão à mentira ou deslealdade, o silêncio em relação à política e o catolicismo sem mácula.

Mas em termos práticos, o seu amor à verdade não impediu que ajudasse camaradas em exames, sendo ele incapaz de se socorrer de estratégias (deu para trocar de posição com o principal beneficiário das suas ajudas).

O silêncio em relação à política é compreensível. Oriundo de uma família politicamente enquadrada no antigo regime, devia ter dúvidas que nunca expressou, mas que o faziam remeter-se ao silêncio mesmo quando

---

1 Diga-se de passagem que, quando jovem 2º tenente, parti em comissão para o Oriente foram entregues ao navio dois sextantes arcaicos, sendo que um deles introduzia um erro quando era utilizado o filtro vermelho (observação do Sol), não detetável com os ensaios *standard*. Só dei pelo erro ao fim de dois ou três dias, por achar estranha a “corrente” que parecia afetar os pontos ao meio dia.

atrevidamente provocado; lembro-me que uma ou outra vez tive vontade de intervir, mas pareceu-me que “não ouvir” era na verdade a melhor solução<sup>2</sup>.

O catolicismo era assumido e praticado. Até creio que, não obstante a total tolerância, nunca entendeu bem como se podia ser ateu ou simplesmente não religioso.

Daí a importância que atribuiu a dois episódios que adiante narro porque ele os manteve presentes até ao fim da vida (várias vezes me falou deles com o seu sorriso de bonomia<sup>3</sup>) e relatou-os pormenorizadamente, já com quase 80 anos.

#### *A bênção das espadas na Escola Naval*

*Fomos avisados que a cerimónia do juramento de bandeira do curso incluiria a bênção pública das espadas, oficiada pelo Cardeal Patriarca, elemento grado do antigo regime, como é bem sabido. Os não católicos insurgiram-se, foi levantada a discussão e votação da seguinte proposta: a bênção deverá ser uma cerimónia privada, na capela da Escola, nela se incorporando os cadetes que quisessem.*

*E passo-lhe a palavra:*

*“Lá tive que ser eu a dar o recado ao capelão que, esgotados os argumentos para nos dissuadir, acabou por levar o problema ao longo da cadeia hierárquica: Ajudante, 2.º tenente Leonel Alexandre Gomes Cardoso, Comandante do Corpo de Alunos, 1.º tenente Joaquim Cortes Carrasco, 2.º Comandante da Escola, capitão-de-fragata Duarte de Almeida Carvalho e, por fim, 1.º Comandante da Escola Naval, capitão-de-mar-e-guerra Vasco Lopes Alves. Este último era um homem com notável presença, deputado, que falava bem e discursava melhor.*

*O Comandante Lopes Alves chamou-nos a todos ao seu gabinete e fez um daqueles discursos perfeitamente articulado e cheio de argumentos pesados, onde não faltavam as referências à importância do*

---

2 Habitado aos ambientes estudantis politizados de Viana do Castelo e do Porto, estranhei o relativo silêncio e falta de reações políticas na Escola Naval. Mas falávamos livremente entre camaradas.

3 Como quem diz, “fizeram-me aquela maroteira”.



*momento, ao brilhantismo conferido pela presença de Sua Excelência o Presidente da República, marechal Óscar Fragoso Carmona, de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, do Senhor Ministro da Marinha, capitão-de-mar-e-guerra Américo Deus Rodrigues Tomaz e de muitas outras individualidades nacionais e estrangeiras. Havia ainda a tradição, o simbolismo e o significado patriótico de toda a cerimónia que, pelos vistos, nós, jovens do primeiro ano, não estaríamos a avaliar bem.*

*Por último mas não menos importante, já tinha convidado Sua Eminência Reverendíssima para a cerimónia e o convite tinha sido aceite. No entanto, dava-nos uns dias para pensar, ao fim dos quais regressaríamos ao gabinete.”*

*Num ponto a memória falhou ao amigo Sacchetti, ou simplesmente desconhecia o seguinte: a cerimónia não era tradicional, pois tinha tido início apenas dois anos antes, por iniciativa do mesmo empreendedor capelão, mas não sem alguma resistência do curso atingido.*

*A nossa resposta foi rápida e unânime: mantínhamos a opinião anteriormente expressa.*

*Competia-me comunicá-la ao 1º Comandante, estando ainda presentes e sorridentes todos os membros da cadeia hierárquica, certamente interpretando a rapidez da resposta como uma anuência. A decisão negativa foi aceite, como tinha sido garantido, mas sobre o ambiente pareceu ter caído o proverbial balde de água fria.*

*No seu relato considerava o nosso camarada e amigo que a maneira como tinha sido atendida a vontade “daquele pequeno grupo de jovens de 18 anos” tinha sido notável e contrariava a ideia que se fazia ou faz da ditadura e mostrava a abertura da Armada a opiniões divergentes.*

## **2 – A viagem de guardas-marinhas**

Também esta viagem mereceu largas referências nas suas memórias, tendo ido ao ponto de promover a publicação pela Academia de Marinha em 2007 (55 anos após a viagem!) do Relatório do Comandante. Precedido por uma longa e bem-humorada introdução.

Julgo por isso ser adequada uma referência também relativamente longa.

Começamos pelo segundo episódio de carácter religioso, agora ocorrido a bordo, no trajeto Bombaim – Goa.

*O cumprimento ao Cardinal Patriarca*

*Nas suas palavras:*

*“Mas, nas relações do meu curso com o Cardeal Patriarca Gonçalves Cerejeira ainda aconteceu mais um episódio.*

*Na tradicional viagem de guarda-marinha, de circum-navegação de África, fizemos um desvio até à Índia, para assistir à cerimónia do encerramento definitivo do túmulo de S. Francisco Xavier, em fins de 1952. Fomos a Bombaim buscar a comitiva do Cardeal Patriarca de Lisboa, ainda D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que ia em representação de Sua Santidade o Papa Pio XII, e o Ministro da Justiça, que representava o Governo português e que tinham feito a viagem Lisboa-Bombaim de avião. O navio era o aviso de 1.<sup>a</sup> classe Afonso de Albuquerque, que havia de ser duramente atingido e de encalhar em Mormugão durante o combate contra a Marinha indiana, em Dezembro de 1961, quando da invasão de Goa pela União Indiana. O Cardeal Patriarca embarcou em navio mercante no trajeto Bombaim – Goa, e no Afonso de Albuquerque no percurso de regresso, Goa – Bombaim.*

*Deve ter sido a única vez que um navio de guerra português navegou arvorando o distintivo pessoal de Sua Santidade o Papa, e ainda para cúmulo no Oceano Índico.*

*Durante a viagem, o Cardeal Patriarca quis receber os oficiais e guardas-marinhas.”*

*A recepção implicava “beijar o anel de Sua Eminência” o que foi cumprido pelos oficiais, católicos e não católicos, por ordem hierárquica. Sendo eu – obrigatoriamente -, o primeiro guarda-marinha, limitei-me a um aperto de mão; os camaradas que se seguiram, também católicos e não católicos, copiaram o procedimento. Julgo e sempre julguei que os católicos o fizeram por não quererem destoar; penso e sempre pensei que fizeram mal, pois tratava-se de uma ação ou atitude individual, de carácter social. O espírito de corpo pesou mais forte, mas foi um tanto violento*

*para o Sacchetti. Creio bem que o Cardeal não terá dado importância ao incidente.*

Outro episódio da viagem, largamente referido na publicação da Academia de Marinha já citada, é o de uma presumida revolta em S. Tomé e Príncipe, ocorrida de 3 a 6 de Fevereiro de 1953, entre uma primeira estadia do *Afonso de Albuquerque* em Ana Chaves e a sua chegada a S. Vicente.

*O 3 de Fevereiro de S. Tomé e Príncipe*

*Dando mais uma vez a palavra ao Sacchetti, agora no citado opúsculo de 2007 [3]:*

*“O relato dos acontecimentos violentos em S. Tomé está representado com clareza no Relatório do Comandante. Havia ideia de que se tratava de problemas laborais muito mal conduzidos pelo Governo, sem grande influência do ambiente internacional em mudança, apesar dos contactos que os são-tomenses, mantinham com o continente próximo: Gabão, Guiné Equatorial e Camarões.”*

*Condensando agora o relato do comandante, podemos referir:*

*“Estando o “Afonso de Albuquerque” fundeado em S. Vicente, no dia 6 de Fevereiro de 1953, recebeu um rádio por intermédio da estação radiotelegráfica local, ordenando que seguisse com urgência para S. Tomé, distante 2248 milhas. A chegada à baía de Ana Chaves teve lugar pouco antes da meia-noite do dia 12, sem mais notícias que uma curta nota do Ministério do Ultramar acerca da sublevação, em alguns pontos da ilha, de elementos nativos.”*

*“À chegada, as autoridades locais contaram o que se passou: a insurreição começara no dia 3 pela destruição de exemplares de uma nota oficiosa desmentindo ter o Governador, capitão Gorgulho, em mente obrigar os filhos de S. Tomé a contratarem-se como serviços para trabalhos nas roças. O acontecimento mais grave fora ter sido “traioeira e barbaramente morto e mutilado” no dia 4 de fevereiro, juntamente com um dos seus soldados, um alferes miliciano (funcionário aduaneiro). A agitação era atribuída a “indivíduos desafetos à atual situação política, conhecidos como comunistas, que propalam boatos tendenciosos.”*

*Os cabecilhas, continua o relatório, seriam:*

*“um engenheiro agrônomo natural de S. Tomé, alguns pequenos proprietários de roças, creio que dois europeus, conhecidos pela sua aversão à situação”.*

*A presumida revolta foi debelada com o apoio de trabalhadores angolanos e moçambicanos contratados, embora todos saibamos que as condições desses contratos muito deixavam a desejar.*

*Reproduzo de novo as palavras, aliás prudentes, do Relatório do comandante:*

*“Contaram-me o que se passara e que pouco era, diziam, comparado com o que poderia ter-se passado, se providencialmente não tivessem os sublevados da Trindade sido compelidos a manifestar-se mais cedo (3 de fevereiro) do que na data marcada para um cerco às autoridades e população branca, planeada para 6, a quando duma festa no Cinema Municipal”.*

*Na altura da viagem, não fui eu só a achar que a história estava mal contada (quantos são-tomenses poderiam ter morrido?), mas pude verificar diretamente que a população branca estava na verdade fortemente atemorizada, e que sossegara com a chegada do nosso navio.*

*Por extraordinária coincidência, encontrava-me em S. Tomé em 3 de fevereiro de 2013 e verifiquei com surpresa que se tratava do dia nacional. Nas discussões na televisão local, o número de mortos era considerado entre algumas centenas e alguns milhares, sendo a dúvida justificada por muitas das vítimas terem sido lançadas ao mar.*

*Abstive-me prudentemente de fazer perguntas, mas tendo visitado a belíssima baía – e talvez futuro porto – de Fernão Dias (onde, aliás, existe um modesto monumento às vítimas) em companhia de uma entidade local, foi-me explicada a organização de trabalhos forçados nessa praia, no tempo do Governador Gorgulho<sup>4</sup>. Entre os presos, de direito comum e político, estariam incluídos elementos da elite são-tomense. Esta mesma entidade, relatando embora a crueldade do tratamento, não deixava, mesmo assim, de levar em boa conta a obra de construção civil realizada pelo dito Governador.*

---

4 Coronel Carlos de Sousa Gorgulho

*Embora não seja este local apropriado para longas considerações sobre o episódio, da minha pequena investigação relevo o documento “Le massacre de Février 1953 à São Tomé – Raison d’être du nationalisme santoméen” [4]. Podemos concluir que:*

- *O local mais notável da violência oficial, antes e depois da “revolta”, foi Fernão Dias.*
- *O número de mortos é muito provavelmente de algumas centenas, mas talvez longe do milhar; algumas dezenas por asfixia, nas prisões superlotadas.*
- *O pretense ataque à população branca no cinema foi uma “confissão” implantada sob tortura.*
- *É notável pela sua seriedade o relatório da investigação da PIDE, mandada executar pelo Ministro do Ultramar, Sarmiento Rodrigues (após hesitação inicial, muito provavelmente causada por informações deficientes). Entre outras coisas, provou-se não ter havido qualquer revolta organizada, muito menos sob influência estrangeira, designadamente comunista.*

### **3 – A preocupação histórica e filosófica**

Não tenho a pretensão de rememorar a sua atividade como marinha ou professor de matérias de foro vincadamente militar, limitando-me a um ou outro apontamento.

Socorro-me dos seus apontamentos autobiográficos e, sobretudo, dos escritos na *Revista da Armada*, que atingem um total de 68, entre Junho de 1992 e Janeiro de 2009 [6].

As preocupações culturais radicam na adolescência, revelando-se sobretudo pelo hábito intenso de leitura e na cinefilia. Das descrições juvenis, mas que se estendem até ao início da maturidade ressaltam, em meu entender, uma certa ortodoxia das leituras (curiosamente, organizou e acarinhou uma coleção “completa” do *Reader’s Digest*), a quase ausência de interrogações religiosas e a omissão de assuntos políticos.

A mudança nos hábitos, que diria despreocupados, ocorreu em 1978, como ele diz:

“Em 1978 tudo se modificou. Com a ida para Londres, um ano no *Royal College of Defence Studies*, depois com a nomeação para professor do Instituto Superior Naval de Guerra e logo seguida com a entrada para a Universidade, como professor catedrático convidado, deixei praticamente de ler romances. Não faço outra coisa senão ler, estudar e escrever, mas quase só leio livros relacionados com a minha atividade académica e com as minhas responsabilidades de ensino: assuntos militares, Marinha, defesa, geopolítica, estratégia, organizações internacionais, história, religião e também filosofia (ética e política).”

Dos temas não estritamente militares tratados na *Revista da Armada*, cinco me parecem mais importantes: os direitos humanos e a liberdade, a moral e a ética, história, cidadania, e conhecimento e ocupação do espaço marítimo.

*A universalidade dos direitos humanos – Janeiro de 2009*

*Feita uma breve resenha histórica, que começa pela outorga da liberdade religiosa e libertação dos judeus por Ciro II, rei dos persas, em 538 AC, passa naturalmente pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão da República Francesa, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos adotada pela Assembleia geral das nações Unidas em 1948, e pelas especificidades adotadas pelos países islâmicos, africanos, asiáticos e sul-americanos, na Conferência Islâmica de 1990. Reconhece que “as diferenças culturais continuam a ser a mais frequente dificuldade para o respeito efetivo dos direitos humanos”. Talvez mais significativo é ter concluído dizendo que:*

*“Os direitos humanos devem existir em cada pessoa humana. Não são negociáveis, nem constituem um meio para alcançar algo. Os direitos humanos constituem um “fim”. A paz e a justiça no mundo, outras duas grandes aspirações da humanidade, só são possíveis numa base de respeito pelos direitos humanos e pela dignidade do homem.”*

*Moral e ética – Novembro de 2008*

*“Moral, palavra de origem latina e Ética, palavra de origem grega, estão ambas ligadas ao que traduzimos hoje por “costume.”*

*“A Moral define o que está bem ou mal no comportamento do homem. A Ética define o que é bom ou mau para o homem como ser e face à dignidade da pessoa humana.”*

*“A Ética reconhece e procura a dignidade da pessoa humana, independentemente das culturas, o que lhe dá um carácter universal”.*

*“Porém, em muitas regiões do globo os princípios morais ofendem a ética”.*

*São apresentados exemplos de imposição de princípios que ofendem a ética, como a aplicação de justiça pela amputação da mão, a flagelação, a execução pública.*

*E acrescenta que são morais nos locais onde são aplicados, mas contrários à ética e aos direitos humanos:*

*“No mundo ocidental existe uma quase coincidência dos valores morais e éticos.”*

*“O Ocidente, e principalmente a Europa, sente a perturbação de uma perda de valores sem substituição conhecida.*

*Uma das mais importantes questões está relacionada com a cultura da vida, valor primeiro da cultura ocidental. Tudo quanto atente contra a vida por decisão humana, desde o aborto à eutanásia, à decisão de pôr termo a uma vida “sem esperança de vida” ou à pena de morte, é contrário à ética.”*

*Esta sua visão da ética parece-nos ter raízes na moral e na moral católica em particular.*

### *História*

*A história está muitas vezes presente nos artigos da Revista da Armada, sempre com forte erudição, mas colocamos em primeiro lugar “D. João VI e Napoleão – O Rei Absoluto e o Imperador Republicano” por cobrir um longo período histórico de uma forma admiravelmente clara e sintética (desculpando-se um ou outro assomo patriótico).*

### *Liberdade*

*O tema da liberdade é várias vezes abordado, enquadrado nos direitos humanos, sendo-lhe tecidos ditirambos.*

*Mas estaria a pensar nas liberdades eminentemente políticas - artigos XIX a XXI da Declaração Universal dos Direitos Humanos –, ou mais na igualdade e na liberdade de pensamento, consciência e religião, expressas respetivamente nos artigos I e XVIII<sup>6</sup>?*

*Inclinamo-nos para a segunda hipótese, por três razões:*

- 1. Sempre evitou exprimir opiniões políticas e na sua biografia não transparece facilmente um interesse político;*
- 2. Mais de uma vez fez a defesa da liberdade em termos religiosos. Escreveu, já em 2007, que:*

*“A liberdade é um valor tão importante que não há referência na Bíblia a qualquer situação em que Deus a tivesse retirado ao homem.”*

*Recordemos ser este o principal argumento dos crentes para conciliar o sofrimento existente no mundo com a onipotência e omnisciência divinas.*

- 3. Em [8] afirma que:*

*“Os grandes princípios da Revolução Francesa, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” são claramente valores da matriz cristã europeia. Foram escolhidos e aproveitados por um grupo laicista, jacobino e anticlerical, na sua luta contra um poder absoluto e em decadência.”*

*Creemos ser precisa muita fé para classificar os “philosophes” Diderot, D’Alembert e Voltaire como valores da matriz cristã europeia.*

*Poder-se-á pensar que esta sua falta de expressão política resultaria não só de pouco interesse, mas também de um certo receio de consequências. Pensamos que não. Durante a ditadura a sua concordância com o sistema não seria incondicional – como já dissemos, aguentava bem um ou outro remoque, porventura até inconveniente.*

---

5 “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”

6 “Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.”



*Após a revolução de 25 de abril de 1974 a sua posição, mais do que oposição, manifestou-se pela assinatura do célebre “Documento dos Nove” e pela participação na diligência que conduziu à nomeação do Almirante Augusto Souto Cruz como Chefe do Estado-Maior da Armada, já após o 25 de Novembro de 1975.*

*Tudo somado, vinha ao de cima uma espécie de pudor em tomar atitudes de contestação que, olhando agora para trás, possivelmente já transparecia em algumas atitudes na Escola Naval. E esse pudor era feito de quê? Supomos que de boa educação, hábito de disciplina e relutância em ferir alguém.*

#### *O poder do conhecimento*

*Considerava que a importância do conhecimento é cada vez mais um fator primordial da potência de um Estado; dizia em 2005 [9]:*

*“Mais importante ainda e ao contrário do que anteriormente sucedia, praticamente toda a descoberta científica tem hoje em dia uma grande multiplicidade de aplicações tecnológicas, com influência decisiva na vida das sociedades”*

#### *Cidadania*

*Num encadeamento feliz afirma em [11]:*

*“Admitir o pluralismo de ideias possibilita o diálogo, o relacionamento e o respeito mútuo.*

*Por outro lado, a igualdade perante a lei contribui para a coesão da Nação.*

*O diálogo e a coesão favorecem o sentimento de pertença.*

*O sentimento de pertença, o diálogo e a coesão, facilitam a construção de um futuro comum.*

*A memória de um passado coletivo, a evocação dos grandes que nos antecederam e a preservação do seu legado, compõem a nossa história comum.*

*Estes são os pilares de qualquer cidadania, que temos a obrigação de implantar solidamente na nossa sociedade, se a queremos forte e com uma estrutura sã.”*

De [10] respigamos:

*“Há poucos dias um estado europeu colocou-nos em posição muito pouco lisonjeira no que respeita à corrupção. Não nos devemos esquecer que cada corrupto é alimentado por uma dezena ou mais de cidadãos responsáveis, que vêm essa prática como uma permissividade útil. O exercício de cidadania é uma responsabilidade que não podemos atribuir a quem nos governa; é, fundamental e quase exclusivamente, uma competência e uma responsabilidade de todos nós”*

*Será difícil dizer melhor.*

*Terrorismo ou guerra*

*O tema sai fora do nosso âmbito, mas trata-se de um escrito de 1995 [12], profético de uma realidade que literalmente explodiu em 11 de Setembro de 2001 e que está cada vez mais atual:*

*“Julga-se que a ameaça islâmica nunca poderá ser uma verdadeira ameaça, como a define a estratégia, e não será militar convencional. Ela será política, fragmentada e não coordenada na sua origem, dispersa quanto aos alvos escolhidos, desinteressada pelo diálogo, até porque não será fácil encontrar interlocutores, e sempre violenta. Continuará a recorrer frequentemente ao terrorismo, ao terrorismo suicida, e pode até realizar ações militares de êxito impossível, que para os ocidentais parecerão atos de loucura ou de desespero.”*

*Conhecimento e ocupação da plataforma continental*

*Da “Comunicação apresentada na Academia das Ciências de Lisboa em 9 de Outubro de 2008”, reproduzida em [13], transcrevo dois trechos que bem merecem a nossa reflexão.*

*Em relação à Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (Lei do Mar), concluída em 1982, em vigor desde 1994 e que Portugal ratificou em 1997, e à expansão dos nossos direitos soberanos sobre a plataforma continental, escreve o António Sacchetti:*

*“Julgo que mais uma vez será fundamental o princípio da ocupação efetiva.*

*Não soubemos ou não tivemos capacidade para ocupar o “interland” africano, no fim do século XIX.*

*A defesa dos nossos interesses, hoje, reside na capacidade de ocupar o mar interterritorial português.”*

*Esta defesa poderá ser feita de duas formas:*

*“A primeira pela defesa e segurança da nossa defesa marítima.”*

*“A segunda, pelo exercício do “poder do conhecimento” que constitui hoje um dos fatores que mais contribui para a valorização nacional de qualquer país.”*

*“Ocupemos com meios marítimos e navais o nosso mar, para podermos tirar partido da sua exploração económica, podermos assumir as responsabilidades da segurança da navegação, podermos zelar pela proteção do ambiente e garantir a defesa e segurança da fronteira marítima cuja importância e porosidade não param de aumentar.”*

*“Desenvolvamos a investigação científica do mar de modo que ninguém conheça melhor que nós, o mar que é e continuará a ser o mar interterritorial português.”*

*“Sabemos o que fazer, sabemos como fazer, resta mesmo fazer. E, nesta matéria, não será a situação internacional que nos tolhe os passos.”*

*Por outras palavras, terá querido dizer que o mapa cor-de-rosa não teve viabilidade porque nos faltou a ocupação efetiva do terreno, e que devemos acautelar-nos para que algo de semelhante não venha a acontecer por falta de ocupação da extensão da plataforma continental.*

Do conjunto dos artigos temos de realçar a qualidade da escrita, o conhecimento das matérias tratadas, a clareza das ideias, a coerência e a manutenção do *leitmotiv* dos imperativos morais e patrióticos.

Mas os artigos da Revista da Armada são uma pequena parte da sua vasta obra.

E se é verdade que obteve o respeito e admiração de quantos com ele lidaram, perguntamo-nos por que razão ela não atingiu notoriedade mais generalizada, nas elites nacionais ou até no grande público. Não nos parece que tal resulte propriamente dos temas, mas sobretudo por falta de mediatismo.

A sua simplicidade, ausência de vontade de protagonismo e até uma certa candura, não chamavam muito a atenção, e o mediatismo vive muito do escândalo.

Creio, pelo que expus e pelo muito que não foi aqui abordado, que bem merece ser alvo de estudo profundo e de uma edição crítica da sua obra.

Todos teremos a ganhar.

Terminando, entendo que recordar o António Emílio Sacchetti não é um réquiem; é uma celebração, um reencontro com algo do bom convívio e da satisfação de ter lidado com um ser humano de exceção.

*Óscar Filgueiras Mota*

P.S. – Os meus agradecimentos à Prof<sup>a</sup> Maria José Sacchetti, que tão generosamente partilhou comigo escritos autobiográficos e outros mementos do seu pai. Espero não ter desmerecido a confiança.

#### Referências:

	<b>Título – Autor</b>	<b>Publicação – data</b>
[1]	<i>Um relance sobre o passado</i> – Gonçalves Ramos	Curso “Ferreira do Amaral” – O último cinquentenário do segundo milénio – 1999
[2]	<i>Apontamento Histórico</i> – Ferraz Sacchetti	Curso “Ferreira do Amaral” – O último cinquentenário do segundo milénio – 1999
[3]	<i>Relatório da Viagem de Guarda-Marinhas no 4º centenário da morte de S. Francisco Xavier – 1953</i>	Edição da Academia de Marinha, de 2007 – CMG Daniel Duarte Silva
[4]	<i>Le massacre de février 1953 à São Tomé – Raison d’être du nationalisme santoméen</i>	<i>Lusotopie</i> – Gerard Seibert – 1997
[5]	<i>As Ilhas do Equador – II Parte</i>	<i>Revista Militar</i> – TCOR João José de Sousa Cruz – Novembro 2011
[6]	Artigos publicados pelo VALM António Sacchetti na Revista da Armada	<i>Revista da Armada</i> – Junho 2009
[7]	<i>D. João VI e Napoleão – O Rei Absoluto e o Imperador Republicano</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Novembro 2007
[8]	<i>União Europeia – Porquê um tratado?</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Agosto 2007
[9]	<i>Poder do conhecimento</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Maio 2006
[10]	<i>Cidadania</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Setembro/Outubro 2005
[11]	<i>Cidadania e identidade</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Julho 2005
[12]	<i>11 de Setembro de 2001, Terrorismo ou Guerra</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Novembro 2001
[13]	<i>O Mar Português e a Fronteira Marítima Europeia</i>	<i>Revista da Armada</i> – António Sacchetti – Junho 2009

## Homenagem ao Vice-almirante Ferraz Sacchetti

Foi com muito agrado que aceitei o convite para me associar à homenagem que a Academia de Marinha hoje presta ao Vice-Almirante Sacchetti por muitas e bem diversas razões mas, sobretudo, porque ele foi o meu primeiro comandante.

De facto, há exactamente 50 anos, embarquei como Guarda-marinha no navio-patrolha *Boavista* então comandado pelo Capitão-tenente Sacchetti e posso afirmar, sem quaisquer dúvidas, que foi um privilégio ter começado a minha vida naval junto de um excepcional comandante pela sua competência profissional, pela lucidez da sua inteligência, pelo seu elevado carácter, pela bondade e pela sua integridade cívica e militar.

É costume dizer-se na nossa Marinha que o nosso primeiro comandante marca a nossa vida e, em boa verdade, foi isso que aconteceu comigo.

Depois, as nossas vidas profissionais cruzaram-se muitas vezes ao longo dos anos e quantas vezes tivemos a oportunidade de manifestar a nossa recíproca amizade e estima ou comentar as questões mais relevantes que interessavam à Marinha e ao país. Por isso, sinto-me devedor das muitas deferências que o Vice-Almirante Sacchetti sempre teve para comigo e daí que me associe a esta justa homenagem com muita satisfação.

\*\*\*\*

O Vice-Almirante Sacchetti faleceu no dia 15 de Janeiro de 2009 no Hospital da Marinha quando exercia as funções de Presidente da Academia de Marinha. Algum tempo depois, o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada Almirante Melo Gomes, ao dar posse ao novo Presidente da Academia de Marinha dedicou ao Vice-Almirante António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti, algumas palavras e afirmou:

*“... Sabemos que as instituições, em geral, estiolam ou perduram pela capacidade adaptativa e de renovação. A Academia de Marinha, que não se exime a essa biologia institucional, passa hoje por um novo marco da sua existência, numa forçada renovação devida*

*ao falecimento do seu anterior presidente, o Senhor Almirante Ferraz Sacchetti.*

*Compreenderão que a esta ilustre figura volte a dedicar umas palavras breves. Da lei da morte se libertou, desaparecendo do nosso convívio, mas a sua figura e obra continuam indelevelmente connosco, porque esse é o rasto de alguém que tomámos como referência de dedicação à causa pública e ao saber, num percurso de vida marcado pelos ditames da honra, lealdade e solidariedade.*

*Do seu desempenho em prol da atividade e prestígio da Academia de Marinha já fiz nota pública, mas gostaria neste momento de reiterar o sentimento de respeito e gratidão pela sua conduta irrepreensível, pelo seu labor, inteligência, correção, bondade e sensatez, creditados em benefício da Marinha, e pelo seu sentido do humano, aristocrática afabilidade e serena atitude, que suave e naturalmente evidenciou ao longo de uma vida naval plena e longa”.*

Este retrato simples mas muito elucidativo, mostra bem o que representou para a Marinha e para o País a figura do Vice-Almirante Sacchetti.

Nessas circunstâncias é importante evocar nesta Academia a que tão dignamente presidiu, o Homem, o Marinheiro e o Académico, a sua obra e o seu exemplo, não apenas para a Marinha da sua época e para os marinheiros do seu tempo, mas também para as várias gerações de colaboradores e de estudantes, militares e civis, que dele colheram exemplo de cidadania e benefício de conhecimentos e de saberes.

Tentarei, certamente com alguma emoção, analisar um exemplar percurso de vida dessa figura ímpar que foi o Vice-Almirante Ferraz Sacchetti que, entre muitos cargos e funções que desempenhou, repito, foi o meu primeiro comandante na Marinha, quando em 1966 embarquei no N.R.P. *Boavista*.

Naturalmente, não poderei esquecer esse embarque, porque não há embarque como o primeiro.

\*\*\*\*

António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti nasceu em Aveiro no segundo dia de Dezembro de 1930.

A sua formação liceal realizou-se no Liceu D. João III em Coimbra, onde depois frequentou a Universidade e se habilitou com os preparatórios militares necessários para ingressar na Escola Naval, o que veio a acontecer no dia 26 de Setembro de 1949 entrando no Curso Comandante Ferreira do Amaral.

Foi um dos melhores classificados do seu Curso de Marinha que concluiu em 1952, tendo-lhe sido atribuído o Prémio Aprumo Militar, o que prenunciava uma carreira que foi marcada por elevados padrões de ética militar que a corporação da Armada sempre lhe reconheceu.

No início da sua longa carreira naval, e como é habitual, embarcou como oficial de guarnição em várias unidades navais durante os primeiros seis anos de oficial subalterno. Depois, desempenhou as funções de oficial-imediato do navio-patrolha *Santiago*, em comissão em Angola no período de 1959 a 1960 e, mais tarde, comandou um outro navio-patrolha, desta feita o N.R.P. *Boavista*, entre 1966 e 1967, cumprindo uma comissão de serviço nos Açores.

Seguiu-se um período em que serviu no âmbito da Autoridade Marítima e exerceu funções como Capitão dos Portos de António Enes (hoje Angoche), em Moçambique, no período que mediou entre 1960 e 1965 e, mais tarde, como Capitão dos Portos da Póvoa do Varzim e de Vila do Conde, entre 1970 e 1971.

No período de 1967 a 1970, tinha servido na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ainda em Mem-Martins, na fase de instalação em Portugal do Quartel-General do Comando da Área Ibero-Atlântica (COMIBERLANT), tendo de seguida chefiado a Repartição de Informações do Quartel-General do Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné entre 1971 e 1973. Aconteceu que, nesse mesmo período, também eu próprio cumpria uma comissão na Guiné, pelo que pudemos reforçar as nossas boas relações criadas a bordo do navio-patrolha *Boavista*.

\*\*\*\*

Ao longo da sua vida profissional, a sua qualificação foi valorizada com formação pós-graduada através de diversos cursos realizados no país e no estrangeiro, nomeadamente em 1954 nos EUA onde frequentou o “*Harbour Defence Course*” e, mais tarde, no ano letivo 1977-78 no Reino

Unido, onde frequentou o “*Royal College of Defense Studies*”, quando já era capitão-de-mar-e-guerra.

No domínio da sua atividade no campo do Ensino e Formação, o Vice-Almirante Sacchetti foi inovador na Marinha, ao promover os primeiros cursos de Defesa de Portos em Portugal (1954-1955) e, mais tarde, quando desempenhou funções docentes e de direção na antiga Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira, no período que mediou entre 1957 e 1959.

Para além disso, é relevante salientar que uma parte significativa da sua brilhante carreira na Marinha – perto de dez anos entre 1979 e 1988) – foi dedicada ao ensino superior militar, quase e sempre no antigo Instituto Superior Naval de Guerra (ISNG), onde ocupou diversos cargos docentes, incluindo a direção dos três cursos de carreira ali ministrados, até ascender aos cargos de Subdiretor que desempenhou entre 1983 e 1985 e de Director que exerceu no período subsequente de 1985 a 1988.

Cumulativamente, durante este longo período, foi assessor no Instituto de Defesa Nacional (IDN), prolongando também até finais de 1995, as funções de vogal da direção da igualmente prestigiada *Revista Militar*.

Significa que, quer no ISNG quer no IDN, o Vice-Almirante Sacchetti deixou uma importante marca de competência, dedicação e dinamismo, a par de elevada qualidade profissional e intelectual.

Essa qualidade foi reconhecida pelas mais altas instâncias da Marinha e, por isso, em diversas ocasiões o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada o designou como seu representante, designadamente nas Assembleias da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) que ocorreram em Londres, em 1981, e no Funchal, em 1982.

Participou, também, em 1985 e 1987, nos EUA, em Newport, no *Naval War College*, nos VIII e IX *International Seapower Symposium*, que é sem dúvida um prestigiado *fórum* que, bienalmente, congrega as Marinhas de praticamente todo o mundo no debate da problemática das questões navais e do poder marítimo, assim como da segurança e da defesa.

Enquanto no Ativo, a brilhante carreira do Vice-Almirante Sacchetti, culminou no exercício do importante cargo de Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, no período que mediou entre 1988 e 1989, assumindo, posteriormente e já na situação de Reserva, a presidência do Conselho Superior de Disciplina da Armada, no biénio seguinte de 1989-1990.



Durante mais de dois anos, de 1990 a 1993, presidiu ainda à Comissão Nacional Contra a Poluição do Mar, tendo na oportunidade assegurado a representação nacional nas Comissões de Oslo, de Paris e de Londres, e participado em diversas reuniões internacionais regulares.

De destacar igualmente, a sua presença, como representante nacional, numa dezena de outras reuniões internacionais extraordinárias, com vista à elaboração da nova Convenção de Paris (22-09-1992), tendo a sua participação merecido, em 21 de Abril de 1993, e da parte do Ministro do Ambiente e dos Recursos Naturais, os maiores encómios.

\*\*\*\*

Com a sua passagem à situação de reserva no dia 2 de Dezembro de 1989, ainda que sem abandonar a efetividade do serviço que manteve durante seis anos, até ser reformado por limite de idade, o Vice-Almirante Sacchetti passou a dedicar-se com maior intensidade à vida académica. O seu envolvimento nos campos dos saberes e da investigação, a par de uma grande dedicação às causas da segurança e da defesa, resultaram numa profusa e notável obra produzida e publicada, sob a forma de monografia ou de caderno, de conferência ou de artigo, em jornal ou em revista, militar ou civil, nos domínios mais específicos das relações internacionais e da estratégia, da geopolítica ou da doutrina militar.

No âmbito do ensino superior universitário exerceu funções docentes como Professor Catedrático convidado da Universidade Técnica de Lisboa, da Universidade Internacional, da Universidade Autónoma de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa, o que mostra o elevado apreço que lhe foi tributado por essas instituições universitárias.

No desempenho das suas funções docentes e no cumprimento das suas responsabilidades académicas, o Vice-Almirante Sacchetti integrou alguns júris universitários como vogal e como arguente, designadamente de Doutoramentos e de Mestrados. Presidiu a júris de provas de Mestrado em Relações Internacionais e em Estratégia, foi vogal de concurso para professor associado de Política Internacional na Universidade do Minho e foi orientador de diversas dissertações de Mestrados, tanto em Relações Internacionais como em Estratégia.

Assinalo, também, o seu desempenho como vogal do Conselho Pedagógico do IDN, de 1992 a 1998, assim como a circunstância, não menos despcienda, de ter visto ser aceite pelo Almirante CEMA a sua proposta de criação de um Grupo de Estudo e Reflexão Estratégica (GERE), na Marinha, do qual foi o seu primeiro presidente e, sublinhe-se, durante um lato período de tempo, de 1999 a 2007.

\*\*\*\*

Como já mencionado, o Vice-Almirante Sacchetti exerceu o cargo de presidente da Academia de Marinha, desde 2004 até à data do seu falecimento em 2009.

Foi académico honorário da Academia Portuguesa de História, assim como académico de número e membro do Conselho de Académicos da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, membro correspondente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa e, desde 2005, académico de número da *Real Academia Española de la Mar*.

Foi igualmente presidente da Direção do Instituto Português da Conjuntura Estratégica, sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, membro efetivo do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, membro do Conselho Consultivo do Instituto Euro-Atlântico, membro do Conselho Consultivo da revista *Nação e Defesa* e, desde 2006, presidente da Direção do Instituto D. João de Castro.

Sublinham-se, também, as múltiplas intervenções, escritas e públicas, nos meios académicos e nos *media*, onde sempre apostolou o valor, o papel e a contribuição do poder naval e militar na ação externa do Estado e na perspetiva dos objetivos e interesses nacionais.

Merece uma menção especial a reputação que o Almirante Sacchetti granjeou nos já citados meios académicos, nomeadamente no IDN, no hoje designado Instituto Universitário Militar e no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, onde exerceu extensa e meritória atividade docente.

Igualmente é de toda a justiça referir e realçar, uma vez mais, a vasta obra que, nos domínios da sua dilecta preferência – Relações internacionais, Estratégia, Segurança e Defesa – produziu e deu à estampa.

Este seu multifacetado labor é tanto mais de enaltecer quanto enorme foi o contributo que pessoalmente deu ao ensino da Estratégia e da Geopolítica para que ele mesmo deixasse de ficar entre muros e restrito às Academias e Institutos Superiores Militares e tivesse sido catapultado para outros ambientes, mais vastos e de cariz universitário.

A Universidade reconheceu essa sua dádiva precisamente em razão do papel desempenhado na inovação do ensino, com a introdução dos temas estratégicos e geoestratégicos nos novos cursos de Relações Internacionais, como ocorreu de modo pioneiro, no início dos anos 80, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), com a inclusão nas respetivas *curricula* de duas disciplinas nucleares na área da Segurança e Defesa: a “Geopolítica” e a “Estratégia e Relações do Poder”.

Mais tarde, o mesmo ISCSP decidiu abrir o primeiro Mestrado em Estratégia que se realizou em Portugal, incluindo originalmente as disciplinas de “Geopolítica” e dos “Pactos Militares e Organizações de Defesa”, num projeto que muito ficou a dever a alguns professores militares. De entre eles, destacou-se o Vice-Almirante Sacchetti que abriu as portas da docência de matérias de Segurança e Defesa a outros oficiais dos três ramos das Forças Armadas, impulsionadores que foram eles também da aproximação do ambiente universitário aos temas estratégicos.

Essa importância revela-se na sua plenitude quando se recorda o perfil do Vice-Almirante Sacchetti como Professor Catedrático convidado em três universidades portuguesas, designadamente:

- No ISCSP, onde, desde a primeira hora, regeu a cadeira de “Estratégia e Relações do Poder” do curso de Relações Internacionais e lecionou a cadeira de “Pactos Militares e Organizações de Defesa”, do Mestrado de Relações Internacionais, até ao momento em que deixou a docência neste mesmo Instituto, por limite de idade;
- Na Universidade Internacional, onde lecionou as disciplinas de “Teoria dos Conflitos” e de “Geopolítica e Geoestratégia”, ministradas no âmbito do curso de Ciência Política;
- Na Universidade Autónoma de Lisboa, onde prestou diversas colaborações de âmbito científico;
- No Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, ao qual esteve ligado, até falecer, e onde lecionou a cadeira de “Teoria da Resolução dos Conflitos”, quer no Mestrado em

Ciência Política e Relações Internacionais, Segurança e Defesa, quer nos diversos cursos de pós-graduação.

\*\*\*\*

A qualidade científica e pedagógica do Vice-Almirante Sacchetti foi sempre reconhecida pelos seus pares e pelos seus discípulos.

A Professora Doutora Maria Francisca Saraiva, que foi uma das suas alunas e que colaborou com o seu antigo professor, não só no já citado ISCSP como no Instituto Dom João de Castro, escreveu:

*“... Intelectualmente, o Almirante Sacchetti é uma referência para a nova geração de investigadores que trabalham na área da Segurança e Defesa. Muitos deles foram seus alunos. Os seus escritos sobre a geopolítica dos oceanos, estratégia nuclear, controlo de armamentos e desarmamento, organizações de segurança e defesa, segurança europeia, assuntos do mar, direitos humanos, Marinha e Forças Armadas, entre muitos outros assuntos sobre os quais escreveu, continuarão, com toda a certeza, a ser consultados e citados pelas novas gerações. Os seus muitos estudantes, militares e civis, testemunharam a fidelidade aos princípios que sempre nortearam a conduta e o rigor científico da atividade docente e de investigação do Almirante Ferraz Sacchetti, numa combinação que nem sempre emerge do quotidiano da vida académica, sendo ainda mais notória porque se revelou em simultâneo como ilustrado pela carreira militar brilhante.”*

Um outro antigo aluno do Vice-Almirante Sacchetti foi o atual Diretor-Geral da Marinha, o Vice-almirante Silva Ribeiro, que é Doutor em Ciência Política e Mestre em Estratégia.

Num artigo publicado na *Revista da Armada* em Março de 2009 com o título “*Abnegação, Sacrifício e Carácter – em memória do Vice-Almirante António Sachetti*”, afirmava o seguinte:

*“[...] ao longo de 2009 dediquei aos cadetes da Escola Naval uma conjunto de artigos sobre as virtudes militares que devem ser educadas e exercitadas pelos Oficiais da Armada. [...] Este*

*primeiro artigo tem a particularidade de ser escrito com o pensamento num amigo recentemente falecido, o Vice-almirante António Sacchetti, um grande professor militar que teve, cuja carreira pública permanecerá como um belo exemplo de uma longa caminhada, que patenteia as três virtudes militares primaciais de todo o Oficial da Armada, que servem de título a este artigo, abnegação, sacrifício e carácter!”*

E depois de dissertar sobre cada uma destas virtudes o então Contra-Almirante Silva Ribeiro, concluía:

*“[...] nestas circunstâncias, (nós), os professores militares da Escola Naval, quando nos situamos no presente e nos relacionamos com os jovens cadetes, tal como fez o Vice-almirante António Sacchetti com os seus alunos, devemos: incentivar o amor à Pátria; evidenciar a importância da correção de atitudes e do desempenho das suas obrigações; realçar a importância da firmeza no comando e da cordialidade no trato; enfatizar a ponderação no discurso e o sentido do respeito por superiores e subordinados; proclamar a conduta adequada e irrepreensível como pilar da disciplina militar”.*

Gostava de terminar como comecei, isto é, com um testemunho pessoal.

Aquilo que sou como pessoa, como cidadão, como profissional, como militar e como marinheiro resulta de um processo longo de socialização e aprendizagem que naturalmente começou na minha família, mas que se enriqueceu com o convívio com muitas outras pessoas. A todas sou devedor de muitas coisas. Porém, entre essas muitas pessoas estará sempre o Vice-Almirante Sacchetti. Ele foi exemplo de vida, que desde cedo me habituei a estimar e a considerar como uma “conhecença” conspícua e como um “farol” de referência, a iluminar as minhas “navegações”. Era uma pessoa de fino trato, afável e de grande integridade. Era um amigo, tolerante e democrata. Era um militar excepcional de grande competência, um notável académico e um insigne pedagogo. Era um conhecedor profundo da Marinha e do País, da sua história e das suas múltiplas conjunturas estratégicas, mas era igualmente Homem dedicado

a boas causas e, seguramente, à sua Família, à Marinha e às suas gentes que tão bem soube incentivar e, acima de tudo, dignificar.

\*\*\*\*

Na realidade, ao longo de uma carreira que só a morte interrompeu, o Vice-Almirante António Sacchetti viu reconhecidos amiúde e publicamente os brilhantes serviços prestados ao país, através da Marinha e da Universidade.

O ensino, a que dedicou boa parte dos seus últimos anos e a obra publicada representam, sem dúvida, muito do pensamento estratégico português da atualidade, merecendo especial destaque as muitas condecorações militares que lhe foram sendo concedidas, assim como os inúmeros trabalhos académicos que elaborou e produziu.

Este foi um pequeno desenho de uma vida e de um trajeto, o percurso de um Homem e de um cidadão íntegro, de um oficial de Marinha de excelência e de um académico de prestígio.

- Como poderíamos ficar, então, insensíveis a tamanho exemplo de cidadania e civilidade?
- Como esquecer o benefício do convívio e o privilégio da estima que o Vice-Almirante Sacchetti prodigalizou?
- Como poderia a Academia de Marinha deixar de se associar a uma singela homenagem ao seu antigo e dedicado Presidente?

Por isso, hoje, nesta nossa casa que também foi a sua casa, por tantas e tantas horas do tempo e labor que a ela deu, é com admiração e respeito que evocamos a sua memória, com uma enorme gratidão e uma imensa saudade e carinho.

*João Pires Neves*

## **Palavras do Chefe do Estado-Maior da Armada**

O Vice-almirante António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti, completou o 56º aniversário da sua promoção a oficial ocupando o lugar de Presidente da Academia de Marinha. Viria a falecer uns meses depois, sendo que serviu a Marinha, ininterrupta e devotadamente, durante todo esse período de tempo, com a máxima competência, zelo e uma notável atitude de dádiva pessoal. Dotado de uma invejável cultura histórica e naval e de muito sólida erudição nas áreas da estratégia e das relações internacionais, soube sempre utilizar os seus conhecimentos, de forma equilibrada, em análises, conferências e obras bem estruturadas e fundamentadas relativas aos contínuos desenvolvimentos da ordem internacional, constituindo-se como uma referência nestas matérias.

Ouvimos os testemunhos que evidenciaram uma longa e diversificada carreira militar, em que ocupou cargos da maior responsabilidade e relevância, a par do exercício da docência universitária, da produção de extensa bibliografia, da colaboração com as academias nacionais, de que era membro, e do desempenho de múltiplas atividades cívicas em que decidiu intervir. Foi um cidadão, um académico, um militar e um marinheiro de eleição, referencial das virtudes militares, mas também dos mais nobres e elevados valores cívicos, pelos quais sempre pugnou.

O cabimento de mais consideração nestas minhas palavras finais deve-se, contudo, à justiça de fazer realçar que em todas as circunstâncias, interna e externamente, fomentou a cultura da maritimidade de Portugal e a imprescindibilidade da sua ligação prioritária ao mar, como elemento essencial ao desenvolvimento do Estado, e à sua afirmação na cena internacional.

Esta sessão de homenagem, *in memoriam*, com que a Academia de Marinha quis hoje lembrar um seu antigo Presidente, prestigia a instituição e a ela me associo, gratamente, também na qualidade de seu membro.

Bem hajam por isso, Caríssimos Confrades.

*Luís Macieira Fragoso*





## Depoimentos





## **Depoimento do Prof. Doutor Adriano Alves Moreira**

Um dos problemas da por vezes chamada terceira idade, é a sobrevivência aos que nos foram deixando, até ao purgatório do isolamento para os que ficam rodeados pela recordação e falta dos que partiram.

Tenho experiência, cada vez mais severa, desse purgatório, e o Vice-almirante Ferraz Sacchetti avulta nessa circunstância. Não refiro, porque outros o fazem melhor, à sua carreira na Marinha, que serviu com brilho pessoal e proveito nacional, sempre fiel ao preceito de servir a Pátria, que a Pátria vos contempla.

Refiro-me sobretudo ao exemplo de civismo, de devoção aos interesses da comunidade nacional e aos valores que integram a “maneira portuguesa de estar no mundo”, e sempre com desinteresse pessoal, discreto, atento, eficaz, tranquilo com a sua consciência e inquieto com os desafios nacionais da época que lhe aconteceu viver.

Quando, na reestruturação da circunstância nacional, tarefa que foi atingida pelos vários desfavoráveis consequencialismos do hoje chamado globalismo, manteve-se exemplarmente fiel ao “eixo da roda” da ética da Marinha, a instituição responsável pelo património historicamente mais valioso da gesta portuguesa.

Pessoalmente tive a feliz experiência do seu convívio no saudoso Instituto Superior Naval de Guerra, no Instituto D. João de Castro, no Instituto Português da Conjuntura Estratégica, lugares onde a sua passagem deixou não apenas comunicações e exemplos que asseguram inapagavelmente a sua criatividade, rigor, e pedagogia profissional e única: mas, uma marca que se destaca, é a devoção de todos os que com ele aprenderam e trabalharam, a amizade com que nos distinguiu, a todos transformando em herdeiros do seu exemplo e memória.

*Adriano Alves Moreira*

## **Depoimento da Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria Francisca Saraiva**

Conheci o Almirante António Emílio Sacchetti nos idos anos 90 do século XX. Foi meu professor de Estratégia e Relações do Poder, cadeira do curso de Relações Internacionais ministrada no Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas da então Universidade Técnica de Lisboa, hoje Universidade de Lisboa, que então frequentava.

Nessa altura os temas estratégicos eram uma novidade nas universidades portuguesas, não havendo um corpo de docentes civis (e militares) inteiramente dedicados ao seu estudo. O Almirante Sacchetti foi talvez o primeiro docente em Portugal a elaborar e lecionar um programa de Estratégia fora do ensino superior militar. Durante muitos anos, outras universidades portuguesas dedicadas às Relações Internacionais seguiram o seu programa. Foi um pioneiro na abertura das Forças Armadas às universidades civis portuguesas e na divulgação da Estratégia e da Geopolítica fora da instituição militar.

Era um dos docentes mais apreciados pelos alunos de Relações Internacionais. Era óbvio o seu gosto em dar aulas. Tinha um raciocínio e uma escrita muito estruturados. Adorava estudar e investigar. Emprestava muitos livros aos alunos e era frequente vê-lo com os seus alunos nos intervalos das aulas, momentos em que se analisavam os últimos acontecimentos da política internacional.

Era um homem discreto e de um enorme saber. Foi também um homem muito à frente do seu tempo. Pela mão do Almirante Sacchetti sou hoje docente no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas onde leciono, entre outras matérias, Estratégia. Por sua vontade, preparou-me para o suceder na docência da disciplina. Na sua opinião, a Estratégia deveria começar a ser estudada por civis, fora do ambiente militar, e por mulheres. Estas opiniões não eram consensuais na década de 90, dentro e fora das universidades. Tal como hoje o não serão. De todo modo, as convicções do Almirante Sacchetti em relação a esta matéria eram profundas, tendo deixado um legado importante na divulgação destes temas.

Ao longo da vida publicou imenso. Na área da Geopolítica dos mares, apenas ficou por fazer a geopolítica do Índico, um projeto planeado mas não concretizado devido ao seu desaparecimento repentino. Na Estraté-

gia gostaria de realçar, para além dos escritos sobre Estratégia Marítima e Naval, o seu invulgar contributo em áreas sobre as quais havia pouco ou nenhum conhecimento em Portugal. Refiro-me, por exemplo, aos seus trabalhos sobre a Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa/Organização para a Segurança e Cooperação na Europa e o conceito de medidas para a criação de confiança, justamente a primeira organização internacional a introduzir na sua missão dimensões não militares da segurança, como o ambiente e os direitos humanos. Interessou-se igualmente pela Organização das Nações Unidas e o desenvolvimento conceptual das operações de paz. Escreveu frequentemente sobre temas dos direitos humanos, outro assunto a que a Estratégia portuguesa dava na altura pouca importância. Entre muitos outros assuntos sobre os quais escreveu, relacionados com a História, por exemplo, outra das suas grandes paixões.

Era um pedagogo e um incansável investigador. Todos os que com ele privaram conheceram o seu estatuto moral. As suas convicções mais profundas sempre guiaram as suas decisões e ações. As pressões, fossem de que natureza fossem, viessem de onde viessem, eram-lhe absolutamente indiferentes. Era por isso um homem profundamente justo e bom. Tranquilo e com sentido de humor. Com gosto pela vida. Numa palavra, um homem sábio.

Com o Almirante Sacchetti conheci a Marinha Portuguesa. Frequentei durante largos anos a biblioteca do Instituto Superior Naval de Guerra, até ao encerramento do Instituto, uma ótima biblioteca especializada nos temas estratégicos. As visitas à biblioteca eram muitas vezes supervisionadas pelo Almirante Sacchetti, que como profundo conhecedor do acervo da biblioteca, sabia sempre que livro recomendar-me. Por seu intermédio tive contacto com o Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia (GERE), a Academia de Marinha e a Escola Naval. Do mesmo modo que me habituei a frequentar a biblioteca do Instituto da Defesa Nacional e a assistir às conferências organizadas pelo Instituto onde, recorde-se, o Almirante Sacchetti foi assessor. Durante muitos anos integrei a Comissão de Relações Internacionais da Sociedade de Geografia de Lisboa, para onde entrei por sua proposta.

A transmissão do saber foi uma forte preocupação na sua vida. Graças à sua determinação em dar a conhecer estes saberes, várias

peças tomaram contacto com a Estratégia e a Geopolítica e trabalham hoje nestas áreas. Com empenho e dedicação, dois valores muito caros ao Almirante Sacchetti.

Foi para mim um enorme privilégio ter privado de perto com uma figura tão notável do ponto de vista científico e pessoal. Todos os que, como eu, com ele privaram sabem que o seu legado está, pois, bem guardado e não será esquecido.

*Maria Francisca Saraiva*

## **Depoimento Vice-almirante António Rebelo Duarte**

Quis o destino de nunca ter sido subordinado do Alm. Ferraz Sacchetti, o mesmo destino que me escalou para a função de oficial de assistência à família, por ocasião do seu falecimento, em 13Jan2009. Depois desse triste epílogo, acabei por acompanhar a sua viúva, a D.<sup>a</sup> Maria José, durante o período de menos de um ano que mediou até ao seu óbito, em que esteve internada no então Hospital de Marinha.

Foi com carinho que acompanhei os momentos finais das suas vidas, depois de ter privado, por razões de serviço – era, à época, Diretor do ex-Instituto Superior Naval de Guerra (ISNG), e em ocasiões de cerimónias oficiais e protocolares, essencialmente com o Alm. Sacchetti e, mais esporadicamente, com o casal.

Também o Alm. Ferraz Sacchetti fez parte da galeria de diretores daquele Instituto (Jul1985 a Mar1988), desempenhando o cargo com o mesmo brilhantismo que conseguiu ao longo da sua longa carreira, no desempenho das mais variadas funções e responsabilidades, dentro e fora da Marinha, culminando essa invejável trajetória como Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada e Presidente da Academia de Marinha, já na situação de Reformado.

O meu convívio com o Alm. Sacchetti aconteceu com mais frequência durante a permanência no ISNG, como auditor (Curso Superior Naval de Guerra 1997-98), coordenador e professor na Área de Ensino da Estratégia (1998-2000) e, finalmente, Diretor até à sua extinção (Jun2002-Set2005).

Primeiro, como aluno e depois como responsável pelo planeamento dos estudos e a organização das atividades de ensino a nível de área e depois globais, beneficiei dos saberes do conferencista e da disponibilidade do Alm. Sacchetti para colaborar com o “seu” Instituto em tudo o que se relacionasse com o lançamento de iniciativas inscritas nos planos de cursos, nomeadamente painéis, colóquios, simpósios, ciclos de conferências, sessões solenes de abertura do ano letivo, etc.

Nesta digressão pelas memórias dos encontros e convívios, invoco mais uma vez as partidas do destino, que me reposicionaram na esteira da rota do Alm. Sacchetti: primeiro, no Instituto de Estudos Políticos da

Universidade Católica Portuguesa, a lecionar, a partir do ano letivo 2009-10, a sua disciplina de “Teoria da Resolução de Conflitos” aos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento; depois, em 2010, a substitui-lo na presidência da Direção do Instituto Dom João de Castro, fundado pelos Padre Joaquim Aguiar e Prof. Adriano Moreira, cargo que desempenhou com brilho e empenho nos últimos anos da sua vida. Duas sucessões com a responsabilidade proporcional ao prestígio académico e social do anterior incumbente e que assumi, sem recusa, como forma de o homenagear na lembrança da sua exemplaridade de obra e projeto de vida.

Depois deste enquadramento é tempo de falar do oficial de Marinha, do homem de cultura e, acima de tudo, do humanista que nunca deixou de ser.

Começo precisamente por esta última faceta, recordando aqui um episódio que em certa medida determinou o seu desaparecimento mais cedo. Estávamos a dobrar o ano de 2008 e encontro o Alm. Sacchetti na missa de corpo presente de um comum amigo, o Coronel Lopes Camilo, meu colega na parte conjunta dos Cursos Superiores (IAEM, Pedrouços, Jun/Jul1998) e na altura vice-presidente da Liga dos Combatentes. Muito debilitado de uma forte gripe não quis deixar de acompanhar, na qualidade de presidente do Conselho Supremo da Liga, o seu camarada e colega institucional que prematuramente nos deixava, até ao talhão dos combatentes no Cemitério do Alto de São João, onde ficou sepultado. Nos dias seguintes veio a sofrer uma recaída que lhe abreviou a vida e por uma razão tão simples e simultaneamente tão nobre: espírito humanista e triplo sentimento de amizade, camaradagem e solidariedade, repetidos num momento de partida de um amigo que poucos dias depois haveria de “reencontrar”.

Homem de cultura, certamente, como o atesta o seu percurso académico. Quando nos deixou era Professor catedrático convidado da Universidade Católica Portuguesa, Presidente da Academia de Marinha, Académico de número da Real Academia Española del Mar, Académico da Academia das Ciências, Académico honorário da Academia Portuguesa de História, Académico de número e membro do Conselho de Académicos da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Presidente da Direção do Instituto Português da Conjuntura Estratégica, Sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, Cavaleiro da Ordem do Santo



Sepulcro de Jerusalém, membro efectivo do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, membro do Conselho Consultivo do Instituto Euro-Atlântico, Presidente do Instituto D. João de Castro desde Outubro de 2003 e membro do Conselho Consultivo da revista *Nação e Defesa*. Publicou perto de cento e oitenta títulos em livros individuais, artigos, livros coletivos, revistas universitárias e militares e na imprensa diária. Para além das disciplinas que ministrou na Universidade, proferiu conferências em diversas Instituições, por vezes com regularidade, e participou, como comentador ou entrevistado, em programas de televisão ou da rádio, nacional e estrangeira.

O seu percurso militar foi de uma enorme exemplaridade, quer no domínio das competências técnico-profissionais, quer no plano da liderança. Esteve embarcado como oficial de guarnição de muitos navios durante seis anos. Foi Oficial de guarnição, Imediato e Comandante em várias unidades navais. Foi Chefe da Repartição de Informações do Q-G do Comandante-Chefe da Guiné e Capitão de Porto em Moçambique e no Continente. Serviu na NATO, no Estado-Maior dos extintos COMIBER-LANT e *Joint Command Lisbon*). Distinguiu-se igualmente nos cursos que frequentou, salientando-se, para além da formação naval e nacional, o *Harbour Defence Course*, o *Nets and Booms Course*, nos EUA, o *Royal College of Defence Studies* (RCDS), em Londres (duração de um ano – 1979). Participou no ensino dos primeiros cursos de *Defesa de Portos* em Portugal (1954-1955). Colocado no ISNG (1979-1988), após o curso tirado em Inglaterra, foi sucessivamente professor de *Organização*, de *Relações Internacionais e de Estratégia*, diretor dos três Cursos Navais de Guerra, Geral, Complementar e Superior, Subdiretor (1983-1985) e, como já atrás sublinhado, Diretor do Instituto. Neste período foi assessor no Instituto de Defesa Nacional e durante cerca de oito anos (até fins de 1995) foi vogal da Direção da *Revista Militar*. Representou o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA) nas Assembleias do Tratado do Atlântico Norte, em Londres, 1981, e no Funchal, 1982, participando ainda nos VIII e IX *International Seapower Symposium*, em Newport, EUA, em 1985 e 1987. Terminaria a sua carreira no ativo com o cargo de VICE-CEMA, como também se deixara já antes assinalado.

O Alm. Sacchetti faz parte da plêiade de homens (e mulheres) que constituem o esteio de um País e o equilíbrio da Sociedade. São os que

trabalham e se preocupam com a Justiça e a Moral, que estudam e defendem a Nação, se esforçam pela retidão de atitudes, dão o que sobra de si à comunidade, agem pelo exemplo e são patriotas. Numa palavra, têm o sentido da vida e do Dever. O Alm. Sacchetti era tudo isto e muito mais. Fazia tudo isto com simplicidade, educação, sobriedade, sensatez, sem ponta de exibição, nem arrogância. Foi, na sua essência, um homem bom que praticava o Bem! Entranhadamente português, na sua imensa simplicidade e sem alardes.

Por tudo isto não será de estranhar o sentimento de perda que trespassou toda a Marinha com a notícia da sua morte, porque, muito mais de que um *curriculum* ímpar, deixou-nos um legado referencial para as gerações de militares mais jovens e o profundo respeito pelo que representou de valor humanista a par dos atributos como militar, intelectual e académico.

O vazio da sua ausência deixou, verdadeiramente em todos nós, nos diferentes níveis geracionais, uma profunda saudade, aquela que se sente e é genuinamente devida a HOMENS, MILITARES, MARINHEIROS e INTELECTUAIS da sua estirpe. Caro Almirante António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti, admirado camarada, respeitado académico e prezado amigo, permita-me que, apertadamente o abraçe de novo.

*António Rebelo Duarte*

## **Depoimento Vice-almirante Victor Lopo Cajarabille**

Para além de um ou outro encontro fugaz, não tive o gosto de conhecer o VALM Ferraz Sacchetti antes de frequentar o Curso Geral Naval de Guerra em 1978/79. Nessa altura, já com 33 anos de idade e recém-promovido a Capitão-tenente, encontrei o então Capitão-de-mar-e-guerra Sacchetti como professor do Instituto Superior Naval de Guerra. Lembro-me bem do seu porte alto e magro, dos olhos de azul brilhante e da sua simpatia e pouco mais, porque não tivemos aulas ministradas por ele.

Em 1984 fui destacado para o Estado-Maior da Armada – 1.<sup>a</sup> Divisão ou Divisão de Pessoal e Organização. Em 1988, deu-se a mudança de Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA) tendo o ALM Andrade e Silva sucedido ao ALM Sousa Leitão, ascendendo então o VALM Sacchetti a Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada (VICE-CEMA). Desde então até à sua morte, em 2009, tive a oportunidade de conhecer bem e de conviver de perto com o VALM Sacchetti. Posso mesmo dizer que foi o oficial da Armada que mais me influenciou em termos intelectuais e que muito estimulou a minha dedicação ao estudo de temas relacionados com a estratégia e poder naval. Paralelamente, constituiu uma referência como pessoa de bem e merecedora do maior respeito.

Quando tomou posse como VICE-CEMA, em março de 1988, a sua presença fez-se logo sentir pela sua atitude, pela serenidade e pela forma como orientava os trabalhos típicos de Estado-Maior. Os ângulos que observava não estavam ao alcance de qualquer um. O seu pensamento e os seus conselhos impunham-se naturalmente, sem necessidade de dar ordens taxativas. Era um gosto ser seu subordinado.

No início de 1989 fui chamado à sua presença para me comunicar que iria ser convidado para ocupar o cargo de ajudante de campo do CEMA, ALM Andrade e Silva. Lembro-me bem do que me disse na altura sobre as responsabilidades que me caberiam e o que representava o facto de merecer a confiança do comandante da Marinha. Ouvi com atenção e confirmei mais tarde como eram sábias as suas palavras.

Cedo verifiquei que o ALM Andrade e Silva tinha uma extrema consideração pelo seu camarada de curso António Emílio, como ele lhe chamava em privado e também no seio restrito dos oficiais do seu

Gabinete. Todos os problemas complexos eram discutidos com o VALM Sacchetti. A elaboração da documentação importante era supervisionada e muitas vezes orientada por ele. As opiniões que emitia eram bem fundamentadas em estudos e reflexões de forma inigualável.

Mas a grande estima que o CEMA nutria pelo VALM Sacchetti situava-se para além das suas capacidades de análise e do seu saber. Ele admirava também o caráter íntegro que conhecia bem do seu amigo de há longos anos. Um dia, para o ilustrar, contou-nos a história a seguir relatada.

Durante um estágio no final do curso da Escola Naval, por alguma razão, creio que por uma distração do professor, alguns Cadetes souberam antecipadamente as perguntas de um determinado teste. Rapidamente espalharam a notícia por todos. Porém, o então Cadete Ferraz Sacchetti não quis tomar conhecimento da “oferta”, preferindo estudar como normalmente fazia. Não acusou nem censurou os outros e contentou-se com a nota que obteve apenas pelos seus méritos.

Um determinado dia, no período em que desempenhava as funções de VICE-CEMA, houve necessidade de elaborar com muita urgência um documento extremamente sensível e importante sobre os helicópteros a adquirir pela Marinha, constituindo-se um pequeno grupo de oficiais do Estado-Maior da Armada e do Gabinete do CEMA para desempenhar a tarefa, entre os quais fui incluído. O assunto complicou-se e o labor prolongou-se pela tarde e noite, só terminando depois da meia-noite. O VALM Sacchetti participou ativamente no trabalho até ao fim, mantendo-se no EMA a orientar e a encorajar os oficiais para que o documento pudesse ser entregue na manhã seguinte bastante cedo. Podia perfeitamente tratar do assunto através do telefone ou até ordenar que lhe fossem entregues as sucessivas versões na sua residência. Porém, preferiu estar junto das pessoas inculcando-lhes confiança, contribuindo para as discussões sem sobrançeria e ouvindo todas as opiniões, apesar da grande diferença de hierarquia.

Em 1999 idealizou a constituição de um Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia (GERE) e fez uma proposta nesse sentido ao ALM CEMA, que a acolheu com entusiasmo. Foi então publicado o Despacho n.º 44/99, de 1 de Julho, que criava o GERE, ao qual incumbia especialmente promover estudos na área da estratégia, designadamente sobre

a estratégia marítima. Por outro lado, o GERE destinava-se a apoiar e aconselhar o ALM CEMA em assuntos correlativos. O VALM Sacchetti foi nomeado Presidente do GERE e eu tive a honra de pertencer ao Grupo desde a sua criação até passar à situação de reforma.

Rapidamente se iniciou a publicação dos Cadernos Navais, uma publicação trimestral do GERE que teve grande sucesso, não só no seio da Marinha, como no ambiente externo. Verifica-se que os respetivos textos continuam a ser citados por muitos autores que escrevem sobre temas afins. O VALM Sacchetti deu o exemplo e escreveu o primeiro número, tendo tido a bondade de me convidar para escrever o n.º 2. Mas, tive ainda o grande privilégio de escrever um dos títulos do n.º 3, sendo o VALM Sacchetti o autor do outro título. Só a sua modéstia lhe permitiu dividir aquela tarefa com o signatário deste depoimento.

Bastante mais tarde, em 2004, o VALM Sacchetti, já reformado há anos, assumiu a presidência da Academia de Marinha, acumulando com as funções de Presidente do GERE. Depois de várias insistências da sua parte, deixou este cargo, sugerindo uma reformulação do Grupo, tendo em conta a extinção do Instituto Superior Naval de Guerra.

Coube-me a muito honrosa e difícil missão de propor a reestruturação do GERE e de assumir a respetiva Presidência. Em 29 de Janeiro de 2007, através do Despacho n.º 2/07, a designação do GERE é reajustada para Grupo de Estudos e Reflexão Estratégica. Para além de outras alterações, o GERE passou a absorver estudos relacionados com a doutrina naval e a projeção externa da Marinha. Estas ideias derivaram de facto da influência do VALM Sacchetti e de longas conversas com a minha pessoa, muito contribuindo para a vida futura do GERE.

Durante anos e quase todos os dias tive a oportunidade de almoçar na mesma mesa que o VALM Sacchetti na sala da messe reservada aos oficiais gerais. As mesas comportavam apenas quatro pessoas, o que facilitava muito a conversa. Aquela hora diária tinha uma importância enorme para mim. Suponho mesmo que o VALM Sacchetti não se apercebia bem disso, dada a sua simplicidade. Porém, sempre se abordavam assuntos interessantes ou importantes. A conversa nunca era vazia de conteúdo. Os seus conhecimentos e capacidades, alicerçados em estudos e ponderações, constituíam verdadeiras lições, acompanhadas da sua bonomia habitual. Muitas vezes pedíamos opiniões que eram sempre

atendidas. Com muita paciência e espírito arguto, explicava o seu raciocínio estruturado segundo linhas bem definidas. As suas áreas de estudo eram vastíssimas. História, Ciência Política, Relações Internacionais, Estratégia geral, Estratégia Marítima, Estratégia Naval, faziam parte do seu fascinante domínio de saber. Conseguia ainda integrar essas abordagens perante a complexidade dos problemas. Sabia também ouvir os outros e argumentar quando não estava de acordo, com serenidade e com a preocupação de não melindrar ninguém.

Tudo isto era o produto das suas impressionantes qualidades de trabalho. De facto, ocupava todo o tempo disponível a ler, a estudar e a escrever. Julgo que este comportamento se manteve até ao internamento hospitalar que antecedeu o seu falecimento.

Quem ler os seus escritos poderá verificar a clareza das noções que expõe e a elegância do estilo, a que junta com frequência as suas reflexões pessoais sobre as matérias, não fugindo a essa dificuldade.

Estou certo de que daqui a muitos anos, para se estudar este período da Marinha portuguesa e dos contributos mais valiosos dos seus oficiais para o conhecimento, será incontornável ler e analisar a obra do VALM Sacchetti. Que distinção!

Registe-se para memória futura que, para além das suas qualidades como oficial da Armada e erudito, era um homem generoso e bom, sendo difícil descortinar os seus defeitos, dada a sua conduta irrepreensível. Talvez fosse bom demais em determinadas ocasiões. Um modelo de comportamento acima do exigível a um prezado cristão (que era).

Foi para mim um enorme privilégio ter privado de perto com uma figura tão notável do nosso tempo e da nossa Marinha.

Obrigado meu querido mestre e estimado amigo. A justa homenagem não se inicia nem acaba agora. Estará sempre presente no pensamento e na admiração de muitos.

*Victor Lopo Cajarabille*

## **Depoimento Contra-almirante Luiz Roque Martins**

A primeira vez que contactei o Almirante António Sacchetti, encontrava-se ele na Direção de Instrução com o posto de capitão-de-fragata. Foi no início da década de 70, por motivos ligados a cursos e estágios que tinham a ver com as minhas funções na Direção das Construções Navais. Desse tempo guardo uma imagem de uma pessoa extremamente correta e afável.

Depois, para além das conversas tidas no Clube Militar Naval, em reuniões de oficiais, onde se questionava a situação na Marinha naquele período fortemente conturbado de Setembro de 1975, fui encontrar o Almirante como Diretor do Instituto Superior Naval de Guerra, quando frequentei o Curso Superior.

Aqui pude acompanhar a sua ação, durante todo o período do Curso – Out 85/ Junho 86 – recordando-me da extrema atenção que dedicava à prossecução do ano letivo, não só no tocante à forma como o mesmo ia decorrendo, mas também sobre o interesse que cada uma das disciplinas despertava nos alunos, assistindo ele próprio a muitas aulas, onde por vezes intervinha. Não esqueço as excelentes lições do Professor Jorge Borges de Macedo, que ele não perdia, assim como todas as aulas dadas por oficiais de outros Ramos e por conferencistas académicos e civis, segundo um plano de curso muito renovado pelo Almirante.

Uma outra faceta que eu recordo do Instituto tem a ver com a viagem de fim do curso. Como era costume até ali, a única viagem que havia programada era aos Açores e Madeira. Contando com a presença no curso de um oficial espanhol com alguma influência na sua Marinha, idealizou-se uma ida a Espanha e ao Norte de Portugal, com um programa que se inseria perfeitamente dentro da orientação do plano curricular do curso, aproveitando as infraestruturas militares tanto no país vizinho como em Portugal, na perspetiva de uma significativa redução de despesas. Posto o Diretor do Instituto ao corrente desta ideia, tenho a dizer que não só a abraçou de imediato, como a defendeu junto do Almirante CEMA e no Estado-Maior da Armada, conseguindo, logo à partida, todas as facilidades para a sua concretização, e deste modo, numa semana visitámos Santiago de Compostela, Marin (Escola Naval), Corunha (Arsenal do

Ferrol) e (Comando Marítimo do Cantábrico). Não foi possível visitar as fragatas da classe *Sta. Maria* que se encontravam em construção nos Estaleiros da Corunha, devido a uma greve. Viana do Castelo (Estaleiros Navais), Leixões, (o Comando da Zona Marítima Norte), Porto, (o Conselho Económico da Região Norte) e o (Comando Militar Norte). Todas estas visitas foram introduzidas por “*briefings*” apropriados e, escusado será dizer, que a viagem constituiu um êxito, tendo o Almirante contribuído decisivamente para a concretização desse desiderato.

Depois da minha passagem pelo Instituto Superior Naval de Guerra, os contactos com o Almirante foram esporádicos até à minha nomeação para Diretor da *Revista da Armada*, em Outubro de 1998.

O Almirante, que já era colaborador da *Revista da Armada*, escreveu com regularidade ao longo do meu mandato e até ao seu falecimento em 2009, cerca de 50 artigos. Estes escritos foram redigidos ou a meu pedido ou por sua iniciativa, em função das conjunturas nacional e internacional. Abordavam normalmente domínios abrangentes, como Estratégia, Relações Internacionais, o Mar, a Defesa Nacional, a Moral e a Ética, a História e a Geografia etc.

Sempre que lhe solicitava um trabalho nunca recusava, discutindo muitas vezes comigo a melhor forma de intervir. Já como Presidente da Academia de Marinha atravessava muitas vezes, a parada das Instalações da Administração Central da Marinha para conversar na *Revista*, sobre os diversos assuntos da atualidade de então. Mesmo quando lhe dizia para não se deslocar até à *Revista* porque eu teria muito prazer em ir ao seu encontro, o Almirante insistia no seu propósito, talvez por não só se sentir bem naquele ambiente, como procurar sempre não dar qualquer incómodo ao seu próximo.

Na conversa que mantínhamos transparecia sempre a sua enorme simplicidade, a sua brilhante inteligência, os seus vastos conhecimentos, a sua invulgar cultura, a sua constante contribuição para a valorização da Marinha e a defesa permanente do Interesse Nacional.

Outro aspecto que não resisto divulgar, era o que se passava ao almoço, na sala dos Almirantes onde costumávamos tomar a refeição. Os lugares nas mesas, umas de quatro e outras de maiores dimensões, eram ocupados à medida que os oficiais iam chegando. Sem menosprezo para quaisquer camaradas, a dada altura verificava-se que um certo número



de oficiais eram atraídos para a mesa de quatro lugares onde pontificava o Almirante. O motivo dessa aglomeração era, evidentemente, a atração cultural que a sua presença suscitava e irradiava.

A esta mesa foi entretanto dado o nome de Mesa da Cultura, à qual ficou indelevelmente ligado o Almirante António Sacchetti, por tudo aquilo que ele encarnava – Cultura, Inteligência, Saber, e um acrisolado amor à Marinha.

*Luiz Roque Martins*



*Academia das Ciências de Lisboa, em 9 de outubro de 2008, na primeira intervenção como sócio correspondente da Classe de Ciências*

## Dados biográficos

António Emílio de Almeida Azevedo Barreto Ferraz Sacchetti  
(1930-2009)

Nasceu em Aveiro, em 2 de Dezembro de 1930. Frequentou o Liceu D. João III e a Universidade de Coimbra.

Ingressou na Escola Naval em 26 de Setembro de 1949. Foi-lhe conferido o prémio de Aprumo Militar em 1952 e promovido a Guarda-marinha em 1 de Outubro.

Esteve embarcado como oficial de guarnição de muitos navios durante seis anos. Foi imediato do patrulha *Santiago* em Angola (1959-1960) e comandante do patrulha *Boavista* (1966-1967), com uma comissão nos Açores. Foi ainda Capitão dos Portos de António Enes (hoje Angoche), em Moçambique (1960-1965), e da Póvoa do Varzim e Vila do conde (1970-1971).

Serviu na NATO, no Estado-Maior do COMIBERLANT (1967-1970) e foi Chefe da Repartição de Informações do Quartel-General do Comandante-Chefe da Guiné (1971-1973).

Entre os cursos que tirou salientam-se o *Harbour Defense Course* e o *Nets and Booms Course*, nos Estados Unidos, em 1954, o Curso Geral Naval de Guerra em 1965-1966, e o *Royal College of Defence Studies (RCDS)*, em Londres, com a duração de um ano, em 1978.

Participou no ensino dos primeiros cursos de *Defesa de Portos* em Portugal (1954-1955) e foi Secretário Escolar e Instrutor da Escola de Alunos Marinheiros durante dois anos (1967-1969).

No Instituto Superior Naval de Guerra (1979-1988), foi sucessivamente professor de *Organização*, de *Relações Internacionais* e de *Estratégia*, diretor dos três Cursos Navais de Guerra, Geral, Complementar e Superior, subdiretor (1983-1985) e ainda diretor do Instituto (1985-1988). Neste período foi assessor no Instituto de Defesa Nacional e durante cerca de oito anos (até fins de 1995) foi vogal da Direção da Revista Militar.

Representou o Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada nas Assembleias do Tratado do Atlântico Norte, em Londres, 1981, e no Funchal, 1982.

Participou ainda nos VIII e IX *International Seapower Symposia*, em Newport, EUA, em 1985 e 1987.

Foi Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada (1988-1989) e Presidente do Conselho Superior de Disciplina da Armada (1989-1990).

Durante mais de dois anos (1990-1993) presidiu à Comissão Nacional Contra a Poluição do Mar, e foi então representante nacional nas Comissões de Oslo, de Paris e de Londres, participando em diversas reuniões internacionais regulares. Representou Portugal em cerca de 10 reuniões internacionais extraordinárias para a redação da nova Convenção de Paris (22 de Setembro de 1992), tendo sido louvado pelo Ministro do Ambiente e dos Recursos Naturais (21 de abril de 1993).

Foi professor catedrático convidado da Universidade Técnica de Lisboa (ISCSP), da Universidade Internacional e da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL). Foi professor da Universidade Católica Portuguesa.

Foi vogal do Conselho Pedagógico do Instituto de Defesa Nacional (1992-1998), presidente do Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia, vogal (arguente) de um júri de Doutoramento no ISCSP (1989); vogal de um Concurso para professor associado do grupo disciplinar de Política Internacional na Universidade do Minho (1987); presidente de dois júris de provas de Mestrado em Relações Internacionais (1989) e em Estratégia (1995); orientador de várias dissertações de Mestrados em Relações Internacionais e em Estratégia.

Foi presidente da Academia de Marinha (de 2004 a 2009), académico de número e membro do Conselho de académicos da academia Internacional da Cultura Portuguesa, académico de número da Real Academia Española de la Mar (desde 2005), presidente da Direção do Instituto Português da Conjuntura Estratégica, membro efetivo do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, presidente da Direção do instituto D. João de Castro (desde 2006), sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, e sócio Correspondente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa (desde 2008).

## Condecorações

- Medalha Militar de Serviços Distintos – Ouro
- Medalha Militar de Serviços Distintos – Prata
- Medalha Militar de Mérito Militar – 2ª Classe
- Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique
- Medalha Militar da Cruz Naval – 1ª Classe
- Medalha Militar de Comportamento Exemplar – Ouro
- Medalha Militar de Comportamento Exemplar – Prata
- Medalha Comemorativa das Campanhas – Guiné 1971-1973
- Medalha Comemorativa de Comissão de Serviço Especiais – Moçambique 1960-1965
- Medalha Naval do 5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique
- Medalha Naval de Vasco da Gama
- Medalha de Socorros a Náufragos de Filantropia e Caridade – Ouro
- Comendador da Ordem do Mérito Naval da República Federativa do Brasil
- Cavaleiro da Ordem de Mérito da República Italiana
- Cavaleiro da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém



*Expositor com as condecorações do vice-almirante Ferraz Sacchetti, oferecidas pela Família*



*Imposição da Medalha Naval de Vasco da Gama pelo CEMA, Almirante Francisco Vidal Abreu, em 14 de novembro de 2005*

## Trabalhos académicos

### LIVROS E CADERNOS

#### Lisboa, ISCSP

*Temas de Política e Estratégia*, Lisboa, ISCSP, 1986, 260 pp.

*Segurança Europeia (1989-1995)*, Lisboa, ISCSP, 1995, 198 pp.

#### Lisboa, Marinha, Grupo de Estudos e Reflexão de Estratégia (GERE)

“A Marinha – Instituição em Transformação”, *Temas e Reflexões n.º 2*, Lisboa, Marinha, Grupo de Estudos e Reflexão de Estratégia (GERE), Outubro de 2005, 29 pp.

“A Marinha e a Revolução nos Assuntos Militares”, *Cadernos Navais n.º 1*, Abril-Junho de 2002, Lisboa, Grupo de Estudo e de Reflexão Estratégica, 40 pp.

“Reestruturação das Forças Armadas, Equívocos e Realizações”, *Temas e Reflexões n.º 3*, Lisboa, Marinha, Grupo de Estudo e de Reflexão Estratégica, 2001, 25 pp.

“Forças Armadas, A Instituição e as Associações”, *Temas e Reflexões n.º 4*, Lisboa, Marinha, Grupo de Estudos e de Reflexão Estratégica, Setembro de 2005, 11 pp.

“O Mediterrâneo. Geopolítica e Segurança Europeia”, *Cadernos Navais n.º 16*, Marinha, Grupo de Estudo e de Reflexão de Estratégia, Janeiro-Março de 2006, 55 pp.

#### Variados

“A Marinha – A Instituição e os Homens (Reflexões)”, Lisboa, ISNG, 1988, 60 pp., e *Boletim da AICP n.º 15*, Lisboa, 1988, pp. 163-203.

*D. Fernando II e Glória, A Fragata que Renasceu das Cinzas*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, Outubro de 1998, 264 pp.

*Segurança e Defesa (1996-2000)*. Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 2000, 244 pp.

## PARTICIPAÇÃO EM LIVROS E ESTUDOS EM REVISTAS

### **Nação e Defesa**

- “A Relação de Forças Entre o Pacto de Varsóvia e a NATO”, *Nação e Defesa* n.º 22, Lisboa, Abril-Junho de 1982, IDN, 33 pp.
- “A Condução de Crises e o Poder Marítimo”, (Lição Inaugural), Lisboa, 24 de Novembro de 1982, ISNG, 30 pp. *Lições Inaugurais*, 2º vol., Lisboa, ISNG, 1987, pp. 219-230. *Nação e Defesa* n.º 25, Lisboa, IDN, Janeiro-Março de 1983.
- “As Forças Nucleares de Teatro e a Dissuasão Global”, *Nação e Defesa* n.º 13, Lisboa, Janeiro-Março de 1980, IDN, 9 pp.
- “Estratégia de Dissuasão na Década de 90”, *Nação e Defesa* n.º 60, Lisboa, Outubro-Dezembro de 1991, IDN, 33 pp.; *Boletim da AICP* n.º 19, 1992, pp. 61-106.
- “Guerra e Paz na Perspectiva do Actual Sistema de Relações Internacionais”, *Nação e Defesa* n.º 76, Outubro-Dezembro de 1995, pp. 13-41.
- “Reestruturação da NATO”, *Nação e Defesa* n.º 77, Janeiro-Março de 1996, pp. 9-20.
- “A Marinha nos 50 Anos da NATO”, *Nação e Defesa* n.º 89, Primavera 99, 2ª Série, Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, pp. 85-99.

### **Baluarte**

- “O Papel de Portugal na NATO”, *Baluarte* n.º 2, 1987, Lisboa, EMGFA, pp. 18-25.
- “A Estratégia da NATO: Factores que a Influenciam e a sua Evolução”, *Baluarte* n.º 12, Lisboa, Abril de 1979, EMGFA, pp. 7-12.
- “O Terceiro Mundo e o Diálogo Norte-Sul”, *Baluarte* n.º 23, Lisboa, Março de 1980, EMGFA, pp. 6-11.
- “A Lição das Falkland”, *Baluarte* n.º 6, Lisboa, 1982, EMGFA, pp. 41-43.
- “Marinha – Uma Força na Paz”, *Baluarte* n.º 3, Lisboa, 1991, EMGFA, pp. 24-29.



## **Estudo Políticos e Sociais**

- “Pactos Militares e Organizações de Defesa na Região Euro-Americana”, Sep. de *Estudos Políticos e Sociais n.º 3-4*, vol. X, Lisboa, 1982, ISCSP, 98 pp.
- “A NATO e o Atlântico Sul”, seminário internacional realizado pelo *Centre International de Formation Europeenne* e Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, subordinado ao tema *A Aliança Atlântica e os Desafios do Sul*, realizado na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, de 3-5 de Dezembro de 1984. *Estudos Políticos e Sociais n.º 1-2*, Lisboa, vol. XIII, 1985, ISCSP, pp. 109-126.
- “Da Détente às Guerras Justas – Alguns Conceitos”, *Estudos Políticos e Sociais n.º 3-4*, Lisboa, vol. XII, 1984, ISCSP, pp. 73-87.
- “Estudo da Estratégia e das Relações Internacionais nas Universidades Portuguesas”, *Estudos em Homenagem ao Professor Adriano Moreira*, Vol. I, Lisboa, ISCSP, 1995, pp. 189-197.
- “Da Defesa à Segurança na Ordem Internacional”, *A Conjuntura Internacional – 1996*, Lisboa, ISCSP, Dezembro de 1996, pp. 25-41.
- “A Comunidade Internacional, 1997/1998”, *Conjuntura Internacional – 1999*, Lisboa, ISCSP, DEZ 1999, pp. 29-48.

## **Revista Militar**

- “Interesses, Objectivos, Segurança e Defesa Nacional”, *Revista Militar n.º 11-12*, Lisboa, Novembro-Dezembro de 1981, pp. 935-950.
- “As Relações Leste-Oeste”, *Revista Militar n.º 5*, Lisboa, Maio de 1980, pp. 379-399.
- “A Identidade da Segurança e Defesa da Europa”, comunicação apresentada no *Lisbon Seminar*, do *EUROGROUP*, organizado pelo Ministério da Defesa Nacional e subordinado ao tema *Europe – A New Era*, em Lisboa, 7-8 de Abril de 1992. *Revista Militar n.º 7-8*, Lisboa, Julho-Agosto de 1992, pp. 453-459.
- “A Acção da Armada nas Campanhas de África”, *Revista Militar n.º 3*, Lisboa, Março de 1997, pp. 9-31, em *As Campanhas de África e a Estratégia Nacional*, IAEM, Lisboa, 11-13 de Dezembro de 1996, pp. 229-256, e *Estudos Sobre as Campanhas de África*, IAEM-Edições Atena Lda., 2000, pp. 203-224.

“Marinha – Modelo e Organização”, *Revista Militar n.º 2405/2406*, Junho/Julho de 2002, pp. 437-44.

### **Estratégia**

“Geopolítica e Geoestratégia do Atlântico”, *Estratégia vol. I*, Lisboa, IRI do ISCSP, 1990, pp. 13-52.

“As Relações Transatlânticas na Nova Era”, *Estratégia vol. VII*, Lisboa, IRI do ISCSP e AICP, 1995, pp. 213-221.

“O Mediterrâneo e a Segurança Europeia” (2000), *Estratégia*, Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 2000, pp. 111-127.

“A Conjuntura Internacional e os Novos Conflitos”, *Estratégia Vol. XIII*, IPCE, Lisboa, 2002, pp.153-176.

“O Mediterrâneo e a Segurança Europeia” (2005), *Estratégia*, estudos em homenagem ao Prof. Doutor Óscar Soares Barata, Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 2005, pp. 83-98.

“O Impacto do Conceito de Segurança Humana”, *Estratégia*, Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 2008, pp. 17-25.

### **Boletim da AICP**

“Os Conceitos de Poder Marítimo na Expansão Portuguesa”, *Boletim da AICP n.º17*, Lisboa, 1990, pp. 65-76.

“Estratégia de Dissuasão na Década de 90”, *Nação e Defesa n.º 60*, Outubro-Dezembro de 1991, IDN, 33 pp., *Boletim da AICP n.º 19*.

“As Relações Transatlânticas no Quadro da Segurança Internacional”, *Boletim da AICP n.º 22*, 1995.

“A Segurança Leste-Oeste e o Atlântico”, *Boletim da AICP n.º 23*, Iº vol., 1996, pp. 191-214.

“A Comunidade Internacional”, *Boletim da AICP n.º 25*, Lisboa, 1998, pp. 113-137.

“Segurança Humana e Segurança Nacional”, *Boletim da AICP n.º 28*, Lisboa, 2001, pp. 83-102.

### **Anais do Clube Militar Naval**

- “Os conceitos de Poder Marítimo na Expansão Portuguesa”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Out-Dez de 1990, pp. 667-675.
- “Os Mares Antárticos”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Abril-Junho de 1994, pp. 345-356.
- “Das Viagens das Caravelas à Globalização”, *Anais do Clube Militar Naval* n.º 7-9, Lisboa, Julho-Setembro 1997, pp. 543-554.
- “A Marinha no Tempo da Fragata “D. Fernando II e Glória””, *Anais do Clube Militar Naval*, Janeiro-Março de 1999, pp. 85-10.
- “Estratégia e Relações de Poder”, *Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, Julho- Setembro 2003, pp. 423-445.

### **ISNG**

*Atlântico Norte e Atlântico Sul*, Lisboa, ISNG, 1989, participação com os textos:

- “Geopolítica e Geoestratégia do Atlântico, pp. 5-64”;
- “A NATO e o Atlântico Sul, pp. 131-146”;
- “Colóquio Naval Luso-Brasileiro, Abertura, pp. 149-153”;
- “Colóquio Naval Luso-Brasileiro, Encerramento”, pp. 173-177.

“Alocação do Director”, *XXV Aniversário da Instalação do ISNG na Rua da Junqueira*, Lisboa, ISNG, 1987, pp. 11-17.

“Geoestratégia do Pacífico”, *Anais n.º 9*, ISNG, Novembro de 1995, pp. 21-43.

### **IAEM**

“Opção Estratégica Euro-Atlântica de Portugal e a Política de Segurança e de Defesa Europeia”, *Boletim do Instituto de Altos Estudos Militares* n.º 35, Lisboa, 5 de Setembro de 1995, pp. 19-34.

“Perspectiva Sociocultural da População Portuguesa Face à Defesa Nacional e à Prestação do Serviço Militar”, participação num Seminário realizado no IAEM, nos dias 30 de Abril, 2 e 3 de Maio de 1996, *Visão Prospectiva do Serviço Militar em Portugal*, IAEM, 1996, pp. 81-99.

“Portugal e a Segurança do Mediterrâneo”, *Boletim do Instituto de Altos Estudos Militares* n.º 41, Lisboa, 28 de Fevereiro de 1997, pp. 113-127 e *Actas*, UAL, 28-29 de Novembro de 1996, pp. 131-146.

## GERE

- “Bases do Conceito Estratégico de Defesa Nacional (Análise e Contributos)”, *Conceito Estratégico de Defesa Nacional (Estudos)*, Lisboa, Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia, *Cadernos Navais n.º 3*, Outubro-Dezembro de 2002, pp. 3-18.
- “A Vizinhança Atlântica”, *Portugal e a Sua Circunstância*, Lisboa, Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia, *Cadernos Navais n.º 6*, Julho-Setembro de 2003, pp. 31-55.
- “A Estratégia Marítima e o Progresso das Nações”, *A Estratégia Naval Portuguesa*, Lisboa, Grupo de Estudo e Reflexão de Estratégia, *Cadernos Navais n.º 10*, Junho-Setembro de 2004, pp. 7-22.
- “Grupo de Estudo e de Reflexão de Estratégia”, *A Cultura na Marinha*, Lisboa, Academia de Marinha, 2006, pp. 229-238.

## Variados

- “A Europa, a África e o Atlântico no Quadro da Cooperação”, conferência proferida na Academia Internacional Liberdade e Desenvolvimento, em 15 de Janeiro de 1990. *Africana n.º 6*, Porto, III Ano, Universidade Portucalense, 1990, pp. 195-207.
- “Conflitos e a Legitimidade de Intervir”, *Jornal do Exército n.º 418*, Lisboa, Outubro de 1994, pp. 27-30.
- “Relações Políticas com Outros Espaços (Intervenção sobre o Mediterrâneo)”, *Conferência Portugal-Espanha “O que separa também une”*, é publicada em *Actas*, UAL, 1997, pp. 131-146.
- “Outra Ordem Aparentemente Ocidental”, *Notícias do Milénio*, Grupo Lusomundo, 8 de Julho de 1999, pp. 184-189.
- “Apontamento Histórico”, *Curso de Ferreira do Amaral, O Último Cinquentenário do Segundo Milénio (1949-1999)*, 1999, seguido da listagem das Unidades Navais do Período 1949-1999, pp. 11-42.
- “Aos 50 anos, como garantir o futuro”, *Portugal e os 50 Anos da Aliança Atlântica*, Ministério da Defesa Nacional, 1999, pp. 325-328.
- “Militar, II – A Marinha em Portugal”, *Enciclopédia Luso-Brasileira (Século XXI)*, Vol. XIX, Editorial Verbo, 2001.
- “A Cooperação Técnico-Militar no âmbito da CPLP”, com Pedro Borges Graça e Maria Francisca Saraiva, *Comunidade dos Países de Língua*

*Portuguesa – Cooperação*, Coordenação de Adriano Moreira, IPCE, Lisboa, Livraria Almedina, Coimbra, Setembro 2001, pp. 213-254.

“As Diferentes Interpretações do Conceito de Fronteiras”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa n.º 1-12*, Série 119.a, Janeiro-Dezembro de 2001, pp. 69-81.

“A Índia e a Estratégia Global”. *O Caso de Goa, Actas da Conferência* (18 de Dezembro de 2001), NECPRI, Universidade Nova, Março de 2003, pp. 53-64.

“A Conjuntura Estratégica Mundial”, *Informações e Segurança, Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*, Coordenação de Adriano Moreira, Lisboa, Prefácio, 2004, pp. 57-74.

“A Conjuntura Estratégica Mundial”, *Lusíada, Revista de Relações Internacionais n.º 5*, Universidade Lusíada Editora, Porto, 2004, pp. 67-93.

Publicou ainda mais de 90 artigos em jornais e revistas.

### **Artigos Publicados na Revista da Armada**

- *A Terra, o Mundo e a Terra*, 244, JUN 92.
- *O espaço, o tempo e o ser*, 250, JAN 93.
- *Convenções internacionais para a prevenção da poluição do mar*, 251, FEV 93.
- *Os descobrimentos portugueses na literatura estrangeira*, 259, NOV 93.
- *O tempo da história*, 261, JAN 94.
- *Valores, ameaças e Forças Armadas*, 263, MAR 94.
- *Os Germanos*, 268, AGO 94.
- *Polónia A memória de um povo*, 269, OUT 94.
- *Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar*, 270, NOV 94.
- *Chechénia Uma peça no xadrez do Cáucaso*, 273, FEV 95.
- *Ucrânia Uma grande potência que ainda nunca o foi*, 274, MAR 95.
- *Projeção de poder ou defesa de área*, 275, ABR 95.
- *Ex-Jugoslávia A libertação ainda não alcançada*, 276, MAI 95.
- *Arqueologia subaquática em Portugal*, 283, JAN 96.
- *A reestruturação da NATO*, 285, MAR 96.
- *A Dança das fronteiras*, 287, MAI 96.

- *A exportação da democracia – Pluralismo político e economia de mercado, ou o receio de uma nova forma de domínio político, neo-colonialismo do séc. XXI, 293, DEZ 96.*
- *Cultura Ocidental – Da formação da Cristandade ao melting-pot norte americano, 295, FEV 97.*
- *A Armada nas campanhas de África 1ª Parte, 298, MAI 97.*
- *A Armada nas campanhas de África Conclusão, 299, JUN 97.*
- *De Clausewitz ao computador – Sobre a arte e a ciência da guerra, no último século, 304, DEZ 97.*
- *Culturas, civilizações e conflitos – No velho Mundo ainda há povos em busca da sua Identidade, 307, MAR 98.*
- *Ásia, meio milénio na idade Gâmica – Encontro e desencontro de culturas 1ª parte, 312, AGO 98.*
- *Ásia, meio milénio da idade Gâmica – Índia e Paquistão, dois adversários cada vez mais poderosos 2ª parte, 313, OUT 98.*
- *As missões do Poder Naval – O Poder Naval a favor da diplomacia, 313, OUT 98.*
- *Ásia, meio milénio na idade Gâmica – Bomba nuclear, explosão demográfica 3ª Parte, 314, NOV 98.*
- *Ásia, meio milénio na idade Gâmica – Na Sorbonne, um americano fala de Vasco da Gama 4ª Parte, 315, DEZ 98.*
- *“D. Fernando II e Glória” A Fragata que renasceu das cinzas, 317, FEV 99.*
- *Mediterrâneo e o factor geográfico, 318, MAR 99.*
- *1949 – A NATO, 319, ABR 99.*
- *Da Batalha do Salado à do Kosovo Etnias, religiões e culturas, 320, MAI 99.*
- *Análise Estratégica no apoio à decisão A propósito da Criação do Grupo de Estudos e Reflexão de Estratégia – GERE, 328, FEV 00.*
- *A Escola de Submarinos, 329, MAR 00.*
- *Brasil Cinco Séculos, 331, MAI 00.*
- *A Fragata “D. Fernando II e Glória” – Peças para recordar, 332, JUN 00.*
- *Livros Brancos de Defesa Nacional, 333, JUL 00.*
- *Livro Branco de Defesa Nacional Novas-Velhas Missões, 334, AGO 00.*
- *Livro Branco de Defesa Nacional Âmbito de estratégia e sensibilidade política, 335, OUT 00.*

- *Livro Branco de Defesa Nacional Os militares e a modernização da defesa*, 336, NOV 00.
- *11 de Setembro de 2001, Terrorismo ou Guerra (I)*, 347, NOV 01.
- *A Índia e a Estratégia Global*, 348, DEZ 01.
- *11 de Setembro de 2001, Terrorismo ou Guerra (II)*, 349, JAN 02.
- *11 de Setembro de 2001, Terrorismo ou Guerra. Conclusão*, 350, FEV 02.
- *Divulgação de Estudos de Estratégia Os Cadernos Navais*, 357, OUT 02.
- *O Conceito Estratégico de Defesa Nacional – em revisão*, 358, NOV 02.
- *Soberania, Direito Internacional e Guerra*, 364, MAI 03.
- *Sobre as Guerras Cirúrgicas*, 365, JUN 03.
- *Cidadania e identidade*, 388, JUL 05.
- *Cultura e Modelo de Sociedade*, 389, AGO 05.
- *Cidadania*, 390, OUT 05.
- *A Política, O Governo e O Almirantado*, 391, NOV 05.
- *Laicismo e Diálogo Inter-Religioso*, 392, DEZ 05.
- *Europa*, 393, JAN 06.
- *Política, Geografia, História*, 394, FEV 06.
- *Soberania*, 395, MAR 06.
- *Não-Ingêrência e Intervenção Militar*, 396, ABR 06.
- *Poder do Conhecimento*, 397, MAI 06.
- *Mentalidade Marítima e Poder Naval*, 400, AGO 06.
- *Contra-Almirante Jesus Salgado Alba*, 401, OUT 06.
- *Poder Naval Sua Utilidade Hoje*, 402, NOV 06.
- *Timor, Estado do Pacífico*, 404, JAN 07.
- *Integração e Ensino nas Forças Armadas*, 405, FEV 07.
- *Comando e Disciplina*, 406, MAR 07.
- *Disciplina Militar*, 407, ABR 07.
- *União Europeia. Porquê um Tratado?*, 411, AGO 07.
- *D. João VI e Napoleão. O Rei Absoluto e o Imperador Republicano*, 413, NOV 07.
- *Moral e Ética*, 424, NOV 08.
- *A Universalidade dos Direitos Humanos*, 426, JAN 09.

